

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 05 | Marc Jongen: A novidade da nossa época: temos um poder criador semelhante a Deus

PÁGINA 07 | Elena Pulcini: Um poder sem controles

PÁGINA 13 | Mario Signore: O sonho da hibridação homem-máquina

PÁGINA 17 | Roberto Marchesini: O pós-humanismo como ato de amor e hospitalidade

PÁGINA 21 | Marcelo Buiatti: Uma escolha suicida

PÁGINA 25 | Cláudio Tugnoli: O ser humano e o animal se hospedam um ao outro

PÁGINA 31 | Remi Brague: É um absurdo o homem querer criar algo que o ultrapasse

PÁGINA 34 | Roberto Mancini: A tarefa essencial hoje é aprender a ver o valor humano universal

B. Destaques da semana

» ENTREVISTAS DA SEMANA

PÁGINA 38 | Mario Novello: Nobel da Física 2006 auxilia a compreender a formação do Universo

PÁGINA 41 | Uwe Schulz: “A Bacia do Rio dos Sinos opera há muito tempo no limite do que é possível”

» TEOLOGIA PÚBLICA

PÁGINA 44 | Michael Amaladoss: O pluralismo é um presente de Deus para a humanidade

» MEMÓRIA

PÁGINA 46 | Tom Cardoso: Fernando Gasparian. O homem que disse não ao não

» DESTAQUES ON-LINE

» FRASES

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 53 | Sérgio da Costa Franco: Livro Júlio de Castilhos e sua época é debatido pelo próprio autor.

PÁGINA 57 | Elbio Ojeda: Resiliência: um novo paradigma em saúde

PÁGINA 59 | Karen Bergesch: Transplante de órgãos: novo caminho para o debate bioético sobre o conceito de pessoa

PÁGINA 63 | Sala de Leitura

PÁGINA 64 | IHU Repórter: Sonia Montañó

Editorial

“O pós-humanismo é o contrário da auto-referência, é a celebração da hibridação, é a consciência de que o homem não apenas não é a medida do mundo, mas não é nem mesmo a medida de si mesmo”, afirma Roberto Marchesini, estudioso de ciências biológicas e de epistemologia, em entrevista publicada nesta edição número 200 da revista *IHU On-Line*.

“Pós-humano é um conceito recente que pode ser entendido de vários modos. Entre as teorias do pós-humano, algumas propõem uma visão eufórica e hiperotimista de um futuro caracterizado pela libertação do orgânico e dos seus limites (transumanismo, cibercultura etc.)”, constata Elena Pulcini professora de Filosofia social na Universidade de Firenze. Segundo ela, “na aspiração por um total abandono do biológico, que permitira finalmente ao homem tornar-se plenamente senhor do próprio futuro e do próprio destino, a *hybris* prometeica se exprime em toda a sua vocação ao ilimitado”. O ser humano, afirma a professora, “disposto paradoxalmente a cancelar as próprias origens humanas, vai se projetando na dimensão “imaterial” do pós-humano”. Já para o filósofo italiano Roberto Mancini, “o pós-humano desponta como o espaço de construção de identidades funcionais, múltiplas, tecnológicas, mas substancialmente sem alma e sem autêntica humanidade”.

Enfim, aí está a 200ª edição da *IHU On-Line*, trazendo para o debate um tema candente que por maiores dificuldades, ingentes problemas e questões complexas que levanta, “não nos isenta, como atesta o filósofo alemão Marc Jongen, de manejar o novo poder que temos nas mãos”.

Dificuldades, problemas e questões que “apenas mostram quão profundo e abrangente é o passo de aprendizado e de desenvolvimento da humanidade que está à nossa frente”.

A descoberta dos dois astrofísicos ganhadores do Prêmio Nobel de Física “permite, segundo o físico brasileiro Mario Novello, o desenvolvimento de nossa compreensão sobre os mecanismos de formação de estruturas no Universo, tais como galáxias e aglomerados de galáxias”.

Na editoria Teologia Pública, publicamos uma entrevista com o teólogo indiano Michael Amaladoss. Para ele, “uma determinada religião - como o cristianismo - pode reivindicar uma revelação especial, dada através do Verbo encarnado. Mas nunca se pode dizer que é exclusiva, já que Deus falou também aos povos de outras maneiras”.

No 5º aniversário da criação do IHU e da edição número 200 da sua revista, permitimo-nos evocar o testemunho da jornalista uruguaia Sonia Montañó: “O Instituto Humanitas Unisinos - IHU - é um espaço onde se diluem os preconceitos, sejam raciais, sexuais, religiosos, culturais ou políticos. Um espaço onde vemos em diálogo áreas de conhecimento que em outros espaços tendem a isolar-se ou excluir-se mutuamente”. Sonia Montañó integrou proativamente a construção coletiva da revista *IHU On-Line* nestes cinco anos. Ao nos deixar, por motivos de saúde, a nossa gratidão. “Fui muito feliz trabalhando na revista, embora esteja saindo e seja uma etapa encerrada, para me abrir a outras as leitores”.

A todas e todos uma boa semana e uma ótima leitura!



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

A novidade da nossa época: temos um poder criador semelhante a Deus

ENTREVISTA COM MARC JONGEN

Entrevistamos para a edição desta semana, o filósofo alemão Marc Jongen, professor de Filosofia na Staatliche Hochschule für Gestaltung, em Karlsruhe, na Alemanha. Publicamos um artigo dele na 143ª edição da IHU On-Line, de 30 de maio de 2005. Na entrevista que nos concedeu por e-mail especialmente para a edição desta semana, Jongen afirma que "a grande novidade da nossa situação, que chega a inaugurar uma nova época, é que acabamos de receber um poder criador semelhante a Deus ao mesmo tempo em que ruiu toda e qualquer instância superior que pudesse julgar sobre a legitimidade ou não do uso desse poder". E completa: "nós mesmos é que em todo o caso determinamos o direito de usar esse poder ou não. Mesmo a tão preconizada volta para os 'valores tradicionais' e para as 'proibições estabelecidas por Deus' é um ato da nossa autonomia, é um 'faz de conta' intencional. A situação não é nada confortável, mas temos que agüentá-la".

IHU On-Line - Será o ser humano de hoje um ente pós-humano? Como o senhor definiria esse conceito?

Marc Jongen - A questão se o "ser humano" é ser humano ou não-humano ou pós-humano, ao que tudo indica, não é algo objetivamente verificável, mas apenas uma questão de atribuição cultural. Basta lembrar, por exemplo, sociedades escravagistas, que não admitiam que os povos subjugados - "bárbaros" ou "selvagens" - tivessem o status de ser humano, ao menos não em plenitude. Importante conquista do Iluminismo foi a de abolir semelhantes definições culturais do ser humano, para substituí-las por uma definição biológica: "ser humano" na acepção moderna é todo/a aquele/a que vem ao mundo com o código genético do *Homo sapiens*. Essa naturalização do que é humano possibilitou atribuir a todos os integrantes da espécie *Homo sapiens* direitos humanos a bem dizer "por natureza". Só que essa mesma naturalização também nos levou à situação atual na qual não só tecnológica e praticamente, mas também em



princípio e em teoria se tornou possível superar o humano - ou destruí-lo, dependendo da ótica - para colocar em seu lugar uma forma de vida pós-humana. Empiricamente o ser humano de hoje certamente ainda não é um ser pós-humano, mas já assoma gigantesca no horizonte a figura do *cyborg*¹, no sentido do livro de Ernst Juenger *Der Arbeiter*, colocando a nós, que vivemos hoje, sob seu signo e senhorio.

IHU On-Line - Em 2001, o senhor afirmou no jornal *Die Zeit* que o ser humano é objeto do seu próprio experimento. Que legitimidade e autonomia tem ele para tanto?

Marc Jongen - O título que eu queria para o mencionado artigo em *Die Zeit* era *Homo homini fatum*. A redação do jornal modificou o título para "O ser

¹ Ciborgue: um ser vivo que possui partes biônicas em seu corpo.
(Nota da IHU On-Line)

humano é seu próprio experimento". Isso tornou o sentido mais frio, técnico, mas também está justificado pelo conteúdo do ensaio, sem dúvida alguma. As violentas reações desencadeadas pelo texto eu considero sinal de que toquei o ponto nevrálgico da nossa época, sua mais séria problemática. Infelizmente este fato também deixou a maioria dos críticos cegos para a reflexão e para a ambivalência emocional do meu texto. Eu, por exemplo, de forma alguma, tomei dialeticamente o partido dos pós-humanistas americanos, e sim interpretei-os como sintoma de uma transição de época, a qual acredito seja, sim, nosso destino inexorável. Agora lembrando a sua pergunta: a grande novidade da nossa situação, que chega a inaugurar uma nova época, é que acabamos de receber um poder criador semelhante a Deus ao mesmo tempo em que ruiu toda e qualquer instância superior que pudesse julgar sobre a legitimidade ou não do uso desse poder. Em outras palavras, nós mesmos é que em todos os casos determinamos o direito de usar esse poder ou não. Mesmo a tão preconizada volta para os "valores tradicionais" e para as "proibições estabelecidas por Deus" é um ato da nossa autonomia, é um "faz de conta" intencional. A situação não é nada confortável, mas temos que agüentá-la.

IHU On-Line - Se o ser humano é seu próprio experimento, qual seria o espaço de Deus na atualidade? Poderíamos falar da "morte de Deus" e da construção do ser humano como obra de arte?

Marc Jongen - A "morte de Deus" formulada por Nietzsche e a respectiva doutrina do além-do-homem, na verdade, somente hoje está atingindo toda a sua força descritiva, ante a possibilidade da confecção técnica do pós-humano. Só que precisamos colocar a ênfase diferente de Nietzsche, o qual, como se sabe, desenvolveu suas teses e profecias em flagrante confronto com o cristianismo. Na verdade importa entender o "super-ser-humano" não como adversário, mas

como herdeiro da cultura religiosa desenvolvida. Para o filósofo da cultura e da religião Leopold Ziegler¹ o grau de desenvolvimento cultural do ser humano depende de ele conseguir transferir inconscientemente suas energias psíquicas para a esfera do divino, para então - note bem - reassumi-las e reintegrá-las conscientemente.

No que se refere à "ira de Deus", esse "assumir a si mesmo" em grande parte já conseguimos realizar: desde a Revolução Francesa, tomamos nas próprias mãos as rédeas do juízo sobre o mundo. Se agora nos deparamos com o desafio de assimilar também o potencial criador divino, certamente isso acarretará não menos problemas, divisões e até catástrofes do que se observou no mencionado campo político. Mesmo assim, a exigência de proibições de pesquisa e de atuação na área biotecnológica é objetivamente tão reacionária quanto a defesa do *Ancien Régime* na época da Revolução Francesa. Considerando a gravidade desses problemas, a metáfora que você mencionou, do ser humano como obra de arte autoplasmante, sem dúvida parece demasiado frívola. Ela somente se sustenta se admitirmos que Deus é o maior de todos os artistas e que a natureza foi a arte de Deus.

IHU On-Line - Onde ficam as questões éticas ao supormos que o pós-humano é autopoietico? Como ficam as populações que não têm acesso a essas novas tecnologias? Não ocorreria uma colonização tecnológica da humanidade com a concomitante objetificação da pessoa humana?

Marc Jongen - Assim que abandonarmos o plano da especulação histórico-metafísica para nos voltarmos para a realidade empírica social e política, o "assumir a si mesmo" primeiro se apresenta efetivamente como desafio sobre-humano. Para mim, o perigo maior está na criação de super-seres-humanos do tipo "último-homem",

¹ Leopold Ziegler (1881-1958) foi um filósofo alemão, ganhador do Prêmio Goethe de 1929. (Nota da *IHU On-Line*)

a se perpetuarem tecnologicamente, assim tornando realidade efetivamente diabólica as palavras de Nietzsche: "o último-homem viverá mais tempo". Também não devemos esquecer que o desenvolvimento, a aplicação e o acesso aos métodos biotecnológicos naturalmente está totalmente sob domínio capitalista, ou seja, que a biotecnologia pode agravar ainda mais os problemas merecidamente atribuídos ao capitalismo, como objetificação, alienação, dominação de classes. Caso efetivamente venha a concretizar-se em larga

escala a reforma da espécie pela engenharia genética - que ainda pode fracassar por muitos fatores -, ela somente poderá tomar um rumo benéfico se ao mesmo tempo for possível transcender a lógica de crescimento e maximização do lucro do capitalismo de hoje. Todas essas dificuldades, por maiores que sejam, não nos isentam de manejar o novo poder que nos adveio, mas apenas mostram quão profundo e abrangente é o passo de aprendizado e de desenvolvimento da humanidade que está à nossa frente.

Um poder sem controles

ENTREVISTA COM ELENA PULCINI

“O homem tem hoje um poder sem precedentes que, no entanto, não está mais em condições de controlar numa sociedade global sem confins e sem limites. O mundo por ele criado põe em perigo a própria conservação da humanidade e do vivente, expondo-a ao risco de autodestruição (nuclear), de degradação irreversível (pense-se no global warming, no aquecimento global), de mutações incontroláveis (manipulações do corpo e da natureza, ogm etc.)”, é o que atesta a professora de Filosofia social na Universidade de Firenze, Elena Pulcini.

*Pulcini é membro do Comitê editorial da revista Iride. Atenta ao problema da genealogia e da constituição do individualismo moderno, tem posto no centro de sua pesquisa o tema da vida emotiva, do papel das paixões e da patologia social da modernidade, com particular atenção ao relacionamento entre o indivíduo, a comunidade e a globalização. Entre seus livros publicados, citamos: *Amour-passion e amore coniugale. Rousseau e l'origine di un conflitto moderno* (Venezia 1990); *L'individuo senza passioni. Individualismo moderno e perdita del legame sociale* (Bollati Boringhieri, Torino 2001); *Il potere di unire. Femminile, desiderio, cura* (Bollati Boringhieri, Torino 2003); *Umano, post-umano. Potere, sapere, etica nel mondo globale* (a cura di, Roma 2004). Confirma a entrevista a seguir que Elena concedeu por e-mail.*



IHU On-Line - Quais são as diferenças entre o *Homo faber* e o *Homo creator*? Como podemos entender estes dois conceitos na sociedade atual? E o *Homo creator* é sinônimo de pós-humano?

Elena Pulcini - O *Homo faber* é o próprio paradigma do homem ocidental. É precisamente ele que faz, que fabrica, que produz, servindo-se da técnica para satisfazer as próprias necessidades e familiarizar-se com o mundo. Mas, a partir da modernidade que introduz a liberdade individual, a prioridade do fazer e do produzir expressa um comportamento instrumental e de domínio em relação à natureza, ao outro, ao mundo, tratados prevalentemente como objetos úteis aos fins da própria conservação e da satisfação dos próprios interesses. Diz Hannah Arendt¹ que “o homo faber se comporta como senhor e dono de toda a terra. Desde que sua produtividade foi representada pela imagem de um Deus-criador...a produtividade humana foi destinada a aparecer como uma revolta prometeica, porque podia edificar um mundo humano somente após a destruição de parte da natureza criada por Deus”.

E, no entanto, o *Homo faber* tem ainda uma capacidade projetiva, ainda é dotado de um objetivo, embora seja somente utilitarista. O problema, que diz respeito à nossa contemporaneidade, nasce quando o *Homo faber* degenera, poderíamos dizer, em *Homo*

¹ Hannah Arendt (1906-1975): filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Entre suas obras, citamos: *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal*. Lisboa: Tenacitas. 2004; *O Sistema Totalitário*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1978; *O Conceito de Amor em Santo Agostinho*. Lisboa: Instituto Piaget; *A Vida do Espírito*. v.I. Pensar. Lisboa: Instituto Piaget; *Sobre a Revolução*. Lisboa: Relógio D'Água; *Compreensão Política e o Futuro e Outros Ensaios*. Lisboa: Relógio D'Água (edição da Perspectiva, 2002). Sobre Arendt, confira o número 168 da *IHU On-Line*, de 12 de dezembro de 2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*, disponível para download no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

creator. Esta é uma expressão usada por Günther Anders² em *O homem antiquado*: “Com a denominação *Homo creator* - diz Anders - entendo o fato de nós sermos capazes, ou melhor, termos sido tornados capazes de gerar *produtos* da natureza, que não fazem parte (como a casa construída com a madeira) da categoria dos ‘produtos culturais’, mas da *própria natureza*”. Potencializado pelo desenvolvimento ilimitado da técnica, o homem não mais se limita, hoje, a *transformar* a natureza, a introduzir “variações” em temas e códigos já dados, mas adquiriu a capacidade, precisamente, de criar a natureza, de introduzir no ambiente produtos e processos totalmente “novos” (da bomba nuclear às manipulações genéticas), alterando profundamente as próprias leis da evolução e abrindo horizontes de todo imprevisíveis.

Homo creator

O *Homo creator* é, pois, o efeito da “perversão” do *Homo faber*, é aquele que é impelido pela *hybris* prometeica de crescimento e de conquista; aquele que adere ao imperativo da técnica, em virtude da qual “o que se pode fazer se deve fazer”.

O que aconteceu a partir da segunda metade do século XX e da “terceira revolução industrial”, consiste no fato de que o desenvolvimento da técnica assumiu tais proporções, a ponto de fazer as *mudanças quantitativas* se traduzirem em *mudanças qualitativas*, gerando uma inversão da função de “meio” da técnica em sua autonomização como “fim”, capaz de subordinar a si, e à própria lógica funcional, as exigências humanas. De meio tendente a satisfazer as necessidades do ser humano, a técnica se transformou num fim que foge ao controle do homem, o qual perdeu a capacidade de administrar, controlar os processos por ele mesmo deflagrados.

² Gunther Anders foi crítico e filósofo midiático alemão. (Nota da *IHU On-Line*)

O *Homo creator* é aquele que reage ao próprio sentimento de inadequação, rebelando-se contra a fatalidade dos próprios limites humanos; que põe à prova a própria natureza corpórea, sondando-lhe as mais extremas possibilidades e o limite de suportabilidade, até o ponto de produzir aquela “segunda natureza” que hoje não é mais somente uma metáfora, mas uma concreta e inquietante realidade produzida pela técnica.

Está, pois, em ato uma tendência à *superação do humano*, uma vontade de transcendência do corpo, da natureza, do vivente e da sua “fatalidade” que, alimentada pelo desenvolvimento ilimitado da técnica e solicitada pelos seus imperativos mais cogentes, corre o risco de produzir efeitos nefastos, pondo em cheque a própria sobrevivência do gênero humano.

O homem tem hoje um poder sem precedentes que, no entanto, não está mais em condições de controlar numa sociedade global sem confins e sem limites. O mundo por ele criado põe em perigo a própria conservação da humanidade e do vivente, expondo-a ao risco de autodestruição (nuclear), de degradação irreversível (pense-se no *global warming*, no aquecimento global), de mutações incontroláveis (manipulações do corpo e da natureza, organismo geneticamente modificado (OGM) etc.). Isso quer dizer que o *Homo creator* perdeu paradoxalmente a qualidade peculiar do *Homo faber* que, embora numa ótica essencialmente instrumental, era a de projetar a própria vida e o próprio futuro.

Produz-se a cisão entre aquilo que se faz e a incapacidade da psique de ser *up to date* com respeito àquilo que se faz (aquilo que Anders chama de “desnível prometeico”). Nesta cisão, se aninha o risco paradoxal de que o mundo que produzimos nos fuja das mãos, autonomizando-se de todo sentido e fim, enquanto o nosso produzir procede, mantido pela incontrolável lei de uma razão instrumental entregue a si mesma, independentemente da nossa capacidade de perceber-lhe, imaginar-lhe, prever-lhe os efeitos.

Homo faber X Homo creator

Embora sendo uma direta filiação do *Homo faber* e da lógica utilitarista e instrumental que inspira o seu agir, o *Homo creator* parece ter perdido sua característica peculiar: quer dizer a *capacidade prometeica de pre-ver e projetar o próprio agir e a própria vida*, a qual ainda o tornava sujeito, embora fosse com êxitos de domínio sobre a natureza e sobre o mundo, dos processos por ele mesmo desencadeados. O homem criador, ao invés, dotado de um poder sem precedentes, que lhe permite criar até a natureza e a própria vida fora dos percursos evolutivos, aparece como sempre mais incapaz de prever e imaginar as conseqüências e os efeitos do próprio fazer e criar.

O Prometeu da idade da técnica, por conseguinte, *não está mais na altura do mundo por ele próprio construído*, em relação ao qual ele perde a capacidade ativa de projeto e de controle, de escolha e de responsabilidade. E essa perda deixa-o exposto aos resultados que ultrapassam, ou até invertem as próprias expectativas e os objetivos iniciais.

IHU On-Line - É o homem contemporâneo um homem pós-humano? Como a senhora definiria este conceito?

Elena Pulcini - O *Homo creator* é, como já o haviam intuído Anders e Hans Jonas¹, aquele tipo de subjetividade que prefigura precisamente a superação do humano e de tudo o que tradicionalmente associamos ao humano: o corpo, a finitude, a vulnerabilidade, as paixões, a morte, a vida entendida na sua imperfeição e imprevisibilidade. E é ele que, paradoxalmente, ao fazer isso, põe em perigo a própria vida sobre a terra, abrindo

¹ Hans Jonas (1902-1993): filósofo alemão, naturalizado norte-americano, um dos primeiros pensadores a refletir sobre as novas abordagens éticas do progresso tecnocientífico. A sua obra principal intitula-se: *Das Prinzip Verantwortung. Versuch einer Ethik für die technologische Zivilisation*, 1979. (Nota da *IHU On-Line*)

a possibilidade de cenários pós-humanos. Pós-humano é um conceito recente que pode ser entendido de vários modos. Entre as teorias do pós-humano, algumas propõem uma visão eufórica e hiperotimista de um futuro caracterizado pela libertação do orgânico e dos seus limites (transumanismo, cibercultura etc.). Aqui se descortina a total transcendência do corpo e da natureza, a completa ultrapassagem, pelo homem, do processo evolutivo, em nome de um desprezo do vivente e de tudo o que conta (emoções, corpo, finitude, morte), reduzido ao inútil e residual fardo, a puro “peso morto”, diria precisamente Anders, e que inibe a possibilidade de libertar-se nas regiões rarefeitas e luminosas de “paraísos artificiais”, ao resguardo do sofrimento e da morte. Na aspiração por um total abandono do biológico, que permitira finalmente ao homem tornar-se plenamente senhor do próprio futuro e do próprio destino, a hybris prometeica se exprime em toda a sua vocação ao ilimitado.

Recriação do homem

A obsolescência do homem e a necessidade de *re-criá-lo* fora das leis da evolução - é este o mesmo pressuposto que associa os teóricos da Vida e da Inteligência Artificial, animados pelo sonho de uma completa emancipação do corpo, e os fatores radicais da engenharia genética, inspirados pelo desejo do “melhorar” a espécie, livrando-a dos defeitos e dos riscos intrínsecos à reprodução natural e sexuada.

Indiferente aos outros fins que não sejam aqueles da realização sem limites das próprias potencialidades intrínsecas, a tecnociência, nas suas expressões mais otimistas, termina por radicalizar - como diz André Gorz¹

¹ André Gorz é austríaco, mas vive na França desde 1948. É autor de 16 livros dos quais vários traduzidos para o português, entre eles *Adeus ao proletariado*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, *Metamorfoses do trabalho. Crítica da razão econômica*. São Paulo: Annablume, 2003; e *Misérias do Presente, Riqueza do Possível*, São Paulo: Annablume, 2004. Realizamos uma entrevista com André Gorz, publicada parcialmente na 129ª edição da revista *IHU On-Line*, de janeiro de 2005, e na íntegra no número 31 dos *Cadernos IHU Idéias*,

- aquela “hostilidade ao acaso, hostilidade à vida, hostilidade à natureza” que caracteriza desde as origens a lógica peculiar da razão instrumental moderna e que hoje não conhece mais limites.

Em suma, na recusa do corpo e do orgânico, que emerge nas fantasias de onipotência pós-humana, poderemos reconhecer nada mais do que a extrema manifestação daquele processo, inconfessado, mas insidiosamente eficaz que Paulo Virilio reassumiu no “conceito de desaparecimento”; aludindo àquele desejo de *desaparecimento do vivente* que, desde os alvares da modernidade, anima o imaginário técnico-científico tão potentemente a ponto de descambar, enfim, na perda do próprio instinto de conservação da espécie. Voltando ao que Anders havia captado muito bem há mais de cinquenta anos, poderemos dizer que este desejo de desaparecimento do vivente se apresenta indissociável do *Streben* faustiano e prometeico do *sujeito* moderno: isento de qualquer imperfeição e contingência, e disposto paradoxalmente a cancelar as próprias origens humanas, projetando-se na dimensão “imaterial” do *pós-humano*.

Há, todavia, um setor mais interessante da reflexão sobre o pós-humano, no qual a superação do humano quer dizer mascarar aquele aspecto de domínio e de narcisóide separação que é intrínseco ao paradigma moderno e antropocêntrico e ultrapassar sua visão dualista, responsável por hierarquias e exclusões.

A visão humanista da identidade como autocentrada e fechada no mito da própria pureza antrópica, indisponível para o acolhimento da alteridade, Donna Haraway² opõe provocadoramente a imagem “utópica”

com o título *A crise e o êxodo da sociedade salarial*. Sobre André Gorz também pode ser lido o texto *Pelo êxodo da sociedade salarial. A evolução do conceito de trabalho em André Gorz*, de André Langer, pesquisador do Cepat. O texto está publicado nos *Cadernos IHU* n.º 5, de 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

² Donna Haraway: Criadora da Cyborgologia. O objetivo de Haraway aparece logo na primeira frase de seu livro “Manifest for Cyborgs: “Este ensaio servirá para construir um mito político cheio de fé sobre feminismo, socialismo e materialismo (...) No centro de minha fé

de *cyborg*, criatura híbrida feita de orgânico e inorgânico, simbolicamente alusiva a uma identidade mestiça e impura, contaminada pelo não-humano e em constante metamorfose; e, sobretudo, “comprometida com o mundo”, disponível para acolher o diferente de si.

Numa perspectiva antidualista, a teoria do pós-humano que se inspira em Haraway (como, por exemplo, na Itália, Roberto Marchesini¹) auspícia a superação do “antropocentrismo ontológico”, ou seja, a pretensão humanista do homem entendido como universo isolado como sujeito auto-referencial e totalmente impermeável à contaminação externa. Resulta daqui a proposta de assumir a idéia do homem como “fruto híbrido”, constitutivamente sempre em débito para com a *alteridade* não-humana, seja ela animal ou mecânica.

Em suma, a filosofia do pós-humano reivindica, a partir de uma crítica radical do humanismo e de toda oposição hierárquica entre humano e não-humano, entre o Eu e o outro, a idéia de uma subjetividade caracterizada por uma “promiscuidade ontológica” e por uma disponibilidade à “hibridação” que desmorona toda pretensão à imunização e à separação do mundo; pretensão tanto mais privada de sentido quanto mais o mundo vem a ser invadido pela técnica: pelas mutações, pelos enxertos e pelos implantes intra e inter-específicos que ela produz ou que simplesmente possibilita.

A proposta é indubitavelmente interessante, pois ela insiste precisamente na *abertura à alteridade*, na necessidade de romper a autarquia, aliás ilusória, do sujeito moderno. A proposta é, afinal, a de reconhecer a posição de heterodependência do humano em relação a processos externos, para os quais é desejável um comportamento não mais separador e fundado numa oposição hierárquica entre homem e mundo, entre si e o outro, mas, ao contrário, conjugante e acolhedor; que

irônica, minha blasfêmia, é a imagem de um cyborg.” (Nota da *IHU On-Line*)

¹ Conferir entrevista nesta mesma edição. (Nota da *IHU On-Line*)

reconheça as próprias máquinas não como algo externo e ameaçador para uma presumida integridade do humano, mas como “amigáveis consigo”, como diz Haraway, que desbordam em nós e nos quais nós, por nossa vez, desbordamos.

Porém o risco de fundo destas posições consiste na aceitação substancialmente acrítica *da técnica*, na legitimação pura e simples de processos transformadores que, ao invés, por sua própria radicalidade, por sua mole quantitativa e por seu caráter inovador, são potencialmente portadores de *patologias*, seja no plano psíquico, seja no plano ético e político.

Risco desta passagem

O risco contido nesta passagem é o da *perda do mundo*. O *Homo creator* se expõe, em outros termos, ao risco da abertura de um abismo entre o mundo fabricado por ele e sua capacidade de estar à altura deste mundo, administrando ativa e conscientemente suas transformações e futuros equilíbrios. E isso quer dizer perder o controle e desviar-se do objetivo e do *sentido* do agir e expor-se ao risco da destruição da humanidade que, no entanto, como já sublinhei, não é a única coisa a dever preocupar-nos, porque isso significaria permanecer numa ótica antropocêntrica; o problema consiste, antes, no perigo daquele “desaparecimento do vivente” que desde sempre se aninha no imaginário ocidental e moderno.

IHU On-Line - Que gênero de ética se pode pensar numa sociedade secularizada?

Elena Pulcini - Não creio que se possa pensar numa ética deontológica, fundada em imperativos abstratos, no mundo complexo, plural e fremente em que vivemos. A idade global contém, no entanto, uma *chance* inédita que é a precondição de uma possível ética nova, fundada antropologicamente e inspirada pelas próprias grandes transformações em ato. Em outros termos, pela primeira

vez *somos todos iguais na debilidade*, antes de toda diferença e até de toda desigualdade. Estamos todos expostos aos mesmos riscos e submissos a um destino comum. A interdependência global, a compressão do espaço e do tempo produzidos pela globalização, a perda dos confins, prefiguram pela primeira vez a possibilidade de um elo planetário, embora na distância e na diferença, que transforma a humanidade num novo sujeito; na condição, todavia, que ela saiba assumir a responsabilidade pelas próprias ações e pelas próprias decisões.

É preciso, pois, pensar numa ética da responsabilidade, como já propunha Hans Jonas há algumas décadas; a qual, no entanto, não deve ter fundamentos deontológicos.

O que proponho é uma ética da responsabilidade que se baseie, antes, na consciência da própria *vulnerabilidade*. Em outras palavras, é o espectro da perda do mundo e da própria vida que pode - e é este o desafio - impelir os homens a reconhecerem sua comum unidade e a agirem em comum. Para que isso suceda é, todavia, preciso superar a cisão "prometeica" entre produzir e sentir, entre fazer e imaginar e adquirir a capacidade de pensar-se como sujeito vulnerável; vulnerável paradoxalmente em virtude do próprio vertiginoso poder. Penso, pois, que a responsabilidade deva ter um fundamento emotivo, que emerja da percepção mesma da própria debilidade e do amor pelo mundo. E por isso prefiro falar de *cuidado*, antes que de responsabilidade: cuidado de si, da natureza, do Planeta, do outro, a partir da consciência que somente *juntos* é possível esconjuram o espectro da catástrofe.

IHU On-Line - Do ponto de vista filosófico, sobre o que se constrói o conceito do pós-humano? Quais são os autores que em certo sentido discutiram esta problemática?

Elena Pulcini - Se já em Anders e em Jonas fora caracterizado o conceito de superação do humano, o pós-humano, de Francis Fukuyama¹ até Donna Haraway, é um conceito novo, cujos aspectos perigosos e negativos sublinhei, mas que também podemos assumir positivamente como prefiguração de um mundo no qual o homem não seja o único centro do mundo, mas o próprio mundo e o inteiro vivente possam tornar-se o centro, o objeto a conservar e proteger.

IHU On-Line - Quais são as razões que a humanidade ainda tem para viver em comum? O que nos une como seres humanos? Para que futuro queremos andar?

Elena Pulcini - O que nos une é precisamente nossa humanidade, entendida como nossa condição de seres finitos, imperfeitos, vulneráveis, dependentes um do outro e conscientes do fato de que o mundo que nos foi dado não é mais um dado, mas é algo que, para continuar a existir, deve tornar-se objeto do nosso cuidado. Devemos interrogar-nos: que mundo queremos construir, que caracteres do humano queremos conservar, para nós mesmos e para as gerações futuras, às quais estamos ligados pelo próprio sentido do nosso estar no mundo? É sobre isso que se funda a necessidade de estar-em-comum, de aliar-se para construir um futuro que possa não só hospedar a vida, mas uma vida digna de ser vivida.

¹ **Francis Fukuyama**: Nascido em 27 de outubro de 1952, o americano Francis Fukuyama é professor de economia política internacional da *Paul H. Nitze School of Advanced International Studies*, na *Johns Hopkins University*, nos EUA. Seu primeiro livro, *O fim da história e o último homem* (1992), figurou nas listas de mais vendidos de diversos países, como EUA, França, Japão e Chile, tendo ganhado o *Los Angeles Times Book Critics Award* e o Prêmio Capri (Itália). Outros livros representativos de sua obra são *Confiança* (1995), *A grande ruptura* (1999) e *Nosso futuro pós-humano* (2002), todos publicados pela Editora Rocco, de São Paulo. Especialista em questões políticas e militares da Europa e do Oriente Médio, Fukuyama já integrou o Conselho de Planejamento Político do Departamento de Estado norte-americano. Atualmente, ele é membro do Conselho Presidencial de Ética em Biotecnologia, dentre diversos outros títulos e cargos de prestígio internacional. (Nota do *IHU On-Line*)

O sonho da hibridação homem-máquina

ENTREVISTA COM MARIO SIGNORE

*Professor de Filosofia Moral na Faculdade de Ciência da Formação na Universidade de Lecce, na Itália, Mario Signore é professor associado de Filosofia Teorética na mesma universidade. Diretor do Instituto de Filosofia de 1978 a 1980, é fundador do Departamento de Filosofia, do qual foi diretor de 1990 a 1996, dedicando uma atenção particular para as disciplinas socioeconômicas, pedagógicas, e filosófico-políticas. Faz parte do Comitê Científico da revista Fenomenologia e Società desde sua fundação. É membro da Fundação Centro de Estudos Filosóficos de Gallarate, com sede social em Padova. É vice-presidente da Sociedade Italiana de Estudos Kantianos, com sede social em Roma. É diretor de Idée, revista do Departamento de Filosofia e Ciência Social. Entre seus últimos trabalhos publicados, citamos: *Questioni di etica e filosofia pratica, Milella: Lecce 1995* e *Ética religiosa e racionalidade moderna (Max Weber 1864-1920)*, in: *Deus na filosofia do século XX*, Giorgio Penzo e Rosino Gibellini (organizadores). São Paulo: Loyola, 1998, pp. 105-119.*



Leia, a seguir, a entrevista que Signore concedeu, por e-mail para a revista IHU On-Line, na qual ele discute o sujeito pós-humano, afirmando que “o homem do século XXI é pós-humano por esta tendência cultural que torna fascinante o sonho de uma transferência definitiva das suas responsabilidades e da fadiga do pensar a hibridação irreversível homem-máquina”.

IHU On-Line - O que o senhor quer dizer com os destinos pessoais e colonização das consciências? Quem ou o que está por trás dessa colonização?

Mario Signore - Permitam-me responder, propondo a releitura da Carta sobre o Humanismo (*Brief über den Humanismus*) (1946), em que Martin Heidegger propõe abandonar a palavra “humanismo” diante da dramática questão: por que celebrar no humanismo o homem e a imagem filosófica e canônica que tem de si, quando na catástrofe do presente temos visto que é o próprio homem o problema com os seus sistemas de auto-exaltação e de autoclarificação metafísica? O humanismo, na sua figura antiga, tanto na cristã como na iluminística, é reconhecido como causa de um “não

pensar” que dura mais de dois mil anos. Trata-se de um “fracasso” que toda a cultura ocidental registrou no recente período da pós-modernidade, abrindo para uma reflexão não-estéril, na nossa opinião, que desmascarando o segredo da domesticação da humanidade e os detentores do monopólio da criação humana, aponta para o invasivo crepúsculo de uma consciência das produções humanas e para o desenvolvimento das antropotécnicas, das quais não se consegue mais desviar o olhar.

Partindo da posição nietzscheana-heideggeriana até a afirmação de uma antropotecnologia mais invasiva, não é difícil supor aquela explícita planificação dos caracteres identitários, que poderiam alcançar a subversão desde o

finalismo do nascimento num nascimento opcional (heterodireto) e numa seleção pré-natal. Tudo isso colhido na pluridirecional incidência étnica, filosófica, teológica, econômica e política requer, na nossa opinião, uma retomada não-ideológica da reflexão sobre a consciência e a identidade, talvez preferindo aproximações menos tradicionais, mas mais capazes de fazer ressurgir a aurora da consciência, não mais no rarefeito horizonte da metafísica, mas das questões do *bios*, da inteira extensão do vivente pensado na unidade da vida, construindo os pressupostos de uma *biopolítica*, que devolva à consciência da humanidade, portanto ao pensamento contemporâneo, a vontade de construir as premissas de uma opção entre políticas da morte (tanatopolíticas) e políticas da vida.

IHU On-Line - Qual será o nosso destino?

Mario Signore - A pergunta parece pressupor um lado imprescindível e inevitável do “destino”, portanto, a admissão de um sentido atribuído ao mesmo. Se o “destino” é *l’Ananche*, o fato, uma força metaistórica e obscura que conduz *malgré-nous* as vicissitudes do homem e da sua história, certamente me sinto impedido de dar qualquer resposta. Para um filósofo da “responsabilidade” e teorizador de uma ética da responsabilidade, desde a origem inevitável que é o pensar, o destino introduz uma contradição interna ao pensamento, logo, ao agir humanos, que não permite nem mesmo gaguejar qualquer resposta plausível.

No horizonte irrenunciável da responsabilidade e da consciência do resultado derivado do homem ter comido o fruto da árvore do conhecimento (“fruto suculento, mas perturbador”, como diria Max Weber), o nosso “destino”, entendido desta vez como a realização do nosso presente e o planejamento do nosso futuro, como homens e como humanidade, será aquilo que teremos sido capazes, entre fracassos e sucessos, entre derrotas e vitórias, de construir-nos. Naturalmente, na relação mais

fecunda conosco mesmos, com os outros homens, com as forças da natureza.

IHU On-Line - O que é o pós-humanismo? Podemos dizer que o homem do século XXI é pós-humano? Por quê?

Mario Signore - Somos conscientes do fato de que o pós-humano pode assumir uma postura, freqüentemente ao anti-humano, ou seja, como definitiva despedida do humano, levando à exasperação o movimento do homem *versus* a máquina, com as questões ético-filosóficas que receamos na resposta à primeira pergunta, relativas à perda e conseqüente colonização das consciências, e, sob outro ponto de vista, o do desaparecimento da distância e da diferença entre a atividade das máquinas lógicas e do pensamento. Aqui o pós-humano se insere na lógica exaltada do *robô*, do *cyborg*, que contribui para pôr no horizonte do nosso século um modelo cultural sustentado pelo conceito de auto-redução dos poderes do sujeito, a favor de uma “máquina”, que não se limite a abrandar a sanção divina “dominarás a terra com o suor”, mas assuma a responsabilidade da escolha e o ônus de projetar a vida. Quanto ao que esta transferência total de responsabilidade possa produzir sobre o plano dos equilíbrios homem-máquina é, no nosso tempo, confiado à pré-figurante iniciativa da literatura e da filmografia.

O homem do século XXI é pós-humano por esta tendência cultural que torna fascinante o sonho de uma transferência definitiva das suas responsabilidades e da fadiga do pensar a hibridação irreversível homem-máquina. Mas, digamos logo, o pós-humano, no nosso século, se manifesta não somente como anti-humano, ou como despedida definitiva do humano, mas como superação/ conservação (*Überwindung*), capaz de acertar as contas com a crise do humano. Desenvolverei mais adiante este conceito.

IHU On-Line - Quais são os aspectos positivos e negativos do conceito de pós-humano?

Mario Signore - Sobre os aspectos negativos já falamos na resposta anterior. Acrescentaremos que a suposição da saída do literário para a realização da superação total do homem na máquina, configura cenários aterrorizantes de solidão do humano, que honestamente parece muito difícil imaginar. Neste cenário, a ética, como assunção responsável de comportamentos ligados sempre a um certo nível de imputabilidade (quem faz, o que e por que) perderia qualquer significado. A aproximação positiva ao pós-humano é colhida no projeto de superar a pretensão humanística do humano como “universo isolado”, não somente como centro epistemológico e ético, mas como sujeito auto-referido e impermeável à contaminação externa. Trata-se, na nossa opinião, de um aspecto positivo, no qual, na verdade, trabalha-se muito neste período, que colhe no pós-humanismo a tendência à superação de algumas concepções do humanismo inadequadamente fundadas e incapazes, entre outras coisas, de interpretar a aceleração dos processos de contaminação (por outro lado irrefreáveis) provocada pelo desenvolvimento tecnológico.

IHU On-Line - Como a tecnologia ajuda na construção da identidade do sujeito contemporâneo? E como ela é aceita pelos pós-humanistas?

Mario Signore - Como dizíamos, respondendo às perguntas anteriores, se a identidade humana pretende exaurir-se na concepção substancialmente estática do humanismo clássico (*homo sum, nihil umani a me alienum puto!*), não há tecnologia que possa de qualquer maneira interferir na sua construção. A tecnologia torna-se um “destino” que não deixa de parecer anti-humano: do desenvolvimento irrefreável da tecnologia, provirão cenários catastróficos para o homem e o seu *habitat*. Nesta direção, os pós-humanistas (não anti-humanistas) não se lançam em direção à passiva e não-crítica

aceitação da tecnologia avançada, mas ousam supor modificações importantes na relação do homem com a realidade externa e imaginar pontes híbridas entre o primeiro (o homem) e a segunda (a técnica, a realidade externa), substituindo as concepções universalistas e/ ou isolacionistas *lógicas conjuntas e pluralistas*.

IHU On-Line - A tecnologia criou pós-humanos? Vivemos um novo conceito de humanidade?

Mario Signore - Certamente a tecnologia, tanto entendida como “prótese” para o homem, consciente de estar num estado de inferioridade com relação aos outros seres vivos providos de um patrimônio de instintos capaz de determinar sem erros a relação com os outros seres vivos e com a natureza em geral, como entendida na sua pretensão substitutiva do humano, impôs repensar, até a exigência toda nova para o homem de imaginar-se numa posição “post”, ou seja, de auto-superação. Isso certamente contribuiu para a constituição de um novo conceito de humanidade no qual o homem se coloca como um ser *transicional heteroreferido*, para o qual toda consideração de pureza, perfeição, completude, não é mais pertinente em modo absoluto. O homem do pós-humanismo, assim como nós o construímos rapidamente neste confronto, é *plural*, não pode comedir, nem epistemologicamente (como cientista, como pesquisador), nem eticamente (sujeito de escolha e responsabilidade) somente com a amplitude da sua razão, e não pode nem mesmo compreender a si mesmo, se não entra em diálogo e não se deixa, por assim dizer, hibridar na realidade externa. Estamos empenhados em pensar nesta nova humanidade, diante dos enormes desafios das relações, com o outro homem (o estrangeiro!), com a natureza, com a técnica (que o próprio homem criou), com Deus.

IHU On-Line - Onde está a ética neste novo conceito?

Mario Signore - A ética, ante este novo imperativo do

diálogo, da relação, até mesmo do hibridismo, não se obscura, mas se transforma. Está empenhada em enfrentar novos desafios. Não mais somente aquele da consciência individual, da pureza da auto-referência, da tranqüilidade da consciência, da plena realização da própria convicção. A ética se faz ética da responsabilidade, capaz de olhar “além” da consciência individual, para colher os efeitos da ação, mesmo boa, naquele outro de si (outro homem, natureza, Deus), que, a essas alturas, numa lógica pós-humana lhe pertence como êxito do diferente percurso híbrido com a realidade, que a abre incessantemente para o aparecimento interrogador da alteridade. Deste ponto de vista, o pós-humano só pode pretender um novo gesto ético, que se configure na irrenunciável relação com o outro (homem, natureza, Deus).

IHU On-Line - É possível traçar, num futuro próximo, quais serão os nossos maiores desafios como seres humanos?

Mario Signore - É sempre muito difícil tentar previsões que digam respeito ao nosso futuro como seres humanos. Certamente, é sustentável a convicção de que, tendo alcançado este ponto, os desafios que nos envolvem sejam tomados todos em perspectiva conjunta e não mais como desafios “só para o homem”. Bastaria levar em consideração os desafios lançados pelo fenômeno histórico-econômico da “globalização” para entender o quanto não se pode negligenciar a ótica do *complexus*, que estimula a desconfiar das simplificações. Tudo isso significa aceitar o grande desafio que, segundo a nossa perspectiva, diz respeito à uma “nova centralização” da pessoa. Remete o homem ao centro, como ponto de partida dos condutores de responsabilidade que são orientados em direção à realidade, os desafios da defesa do planeta (desafio ecológico), da paz, da democracia, dos direitos universais do homem (desafio político) do “estrangeiro” e da “face” do outro (desafio ético), significa hoje invocar o homem “responsável” que se aproprie novamente do seu futuro e responda por ele a si mesmo e aos outros.

O pós-humanismo como ato de amor e hospitalidade

ENTREVISTA COM ROBERTO MARCHESINI

Roberto Marchesini, estudioso de ciências biológicas e de epistemologia, escritor e ensaísta, publicou vários artigos e pesquisas sobre o relacionamento entre homens e animais nas aplicações didáticas. Presidente da sociedade italiana das Ciências Comportamentais Aplicadas e diretor da Scuola di Interazione Uomo Animale, ele também ensina Ciência Comportamental Aplicada em algumas instituições italianas. Entre seus livros publicados, citamos: Il concetto di soglia (Theoria, 1996), La fabbrica delle chimere (Bollati Boringhieri, 1999), Bioetica e scienze veterinarie (ESI, 2000), Lineamenti di zooantropologia (Edagricole-Calderini, 2000), Post-human (Bollati Boringhieri, 2002), Imparare a conoscere i nostri amici animali. Guida per insegnanti (Giunti, 2003), Nuove prospettive nelle attività e terapie assistite dagli animali (Edizioni Scivac, 2004), Canone di Zooantropologia Applicata (Apeiron, 2004), Fondamenti di Zooantropologia. Zooantropologia applicata (Alberto Perdisa Editore, 2005). Confirma, a seguir, a entrevista que Marchesini concedeu, por e-mail, com exclusividade para a revista IHU On-Line, na qual afirma que “a tecnociência não é uma celebração do homem, mas um meio para favorecer a conjugação do homem e para conhecer melhor e apreciar o não-humano”.



IHU On-Line - Como o homem contemporâneo vive a dicotomia de permanecer o único protagonista do universo e a necessidade de mergulhar e deixar-se moldar pela alteridade tecnológica?

Roberto Marchesini - O paradigma pós-humanístico coloca em discussão a visão antropocêntrica, portanto não lê a tecnociência como uma atividade para aumentar o domínio do homem, mas sim como um modo para aumentar o laço da nossa espécie com o mundo, por meio do conhecimento e da responsabilidade operativa. A lógica pós-humana não se baseia na superação do homem, mas na admissão de que as qualidades humanas se constroem na realização com o não-humano, por exemplo, com os outros animais. As qualidades humanas são, portanto, consideradas fruto da relação com os outros seres vivos, assim, o homem deve reconsiderar tal relação, incentivando-a e valorizando as alteridades.

O que é rejeitado é exatamente a pretensão de considerar o homem como único protagonista do universo. Segundo o pós-humanismo, o erro é considerar o homem como centro e medida da realidade, ideal humanístico que nos vê como especiais porque somos separados dos outros seres vivos, auto-suficientes na realização ontológica e totipotentes, com o próprio destino firmemente em nosso poder. Esta visão nega qualquer forma de alteridade não humana, seja terrena ou divina - até mesmo Deus existe enquanto e na medida em que é pensado pelo homem - e condena o homem ao total isolamento e à presunção de ser suficiente a si mesmo. O pós-humanismo rejeita esta idéia: a tecnociência não é, portanto, uma celebração do homem, mas um meio para favorecer a união do homem e para conhecer melhor e apreciar o não-humano.

IHU On-Line - Como a técnica auxilia na construção da identidade do sujeito contemporâneo?

Roberto Marchesini - A ciência é uma grande experiência educativa antes mesmo de ser portadora de conhecimento e de aplicações técnicas. Explico-me melhor: graças à ciência, o homem sai dos preconceitos e principalmente da visão da realidade por meio da projeção, ou seja, afasta-se do antropocentrismo mediante uma obra de descentralização. Isso é muito importante na concepção da identidade: o nosso perfil - individual, cultural, humano - nasce do encontro e do acolhimento do outro, e não da sua exclusão. Acredito que o grande risco para o homem contemporâneo seja o de considerar a técnica como uma casca que o separa do mundo; ao contrário, é necessário compreender que o saber não nos torna mais auto-suficientes, e sim mais necessitados um do outro. O saber conjugativo do enfoque pós-humanístico é muito diferente do saber de domínio de tipo baconiano. Precisamos aprender a usar mais seguidamente o nós - toda vez que conhecemos nos declinamos, ou seja, hospedamos a alteridade - e isso deveríamos aprender com os cães, que vivem perto de nós em uma dimensão co-extensiva.

IHU On-Line - A técnica criou sujeitos “pós-humanos”? Vivemos um novo conceito de humanidade?

Roberto Marchesini - A questão não se refere tanto ao que somos, mas a como nos percebemos. O homem do mundo antigo se sentia parte de um conjunto de tensões gravitadas em um ponto final, sustentado pelo fato; obviamente a sua percepção de si era muito diferente da do homem moderno, completamente responsável pelo próprio percurso e propenso a submeter o mundo aos seus objetivos. O nosso tempo, por meio das tecnologias, torna o homem uma entidade mais conexa, e isso reforça a expressão multiforme da pessoa, quer dizer, a percepção de uma entidade múltipla e mutante: o multívduo no lugar do indivíduo. Entretanto, isso não é

uma simples expressão de poder, ao contrário, transforma a pessoa em uma raiz declinável ou, se preferirmos, em um palco onde o não-humano faz surgir novos roteiros. Se confrontarmos estes temas com o velho paradigma humanístico, não os compreenderemos: a nossa tecnociência nos tornou mais híbridos, está dando espaço ao não-humano, faz-nos ver sob uma nova luz. Somos pós-humanos simplesmente porque compreendemos que ser homens significa acolher os outros, que se fazer animais significa progredir, e não regredir, que as máquinas não são externas, mas nos modificam.

IHU On-Line - Como propor uma ética universal com base nesta realidade? É ainda possível pensar em ética no contexto em que vivemos?

Roberto Marchesini - A ética é a reflexão sobre as tensões que o homem sente na sua relação com o mundo: essa é ao menos a minha visão, e neste sentido não posso evitar a religiosidade. Obviamente, cada técnica interpreta um modo particular de enfocar a religiosidade. Para algumas religiões, a realidade terrena é somente um rascunho, ou até mesmo é contrastante à elevação moral: isso leva ao abandono do laço com os outros seres vivos e a sonhar com uma outra dimensão, o paraíso, por exemplo. Junto com essa visão sempre houve uma religiosidade fundada no revelar as leis do mundo como um ato de humildade e de fé: penso no pensamento de Demócrito¹, Epicuro², Plutarco³, Francisco de Assis⁴, Espinoza, Bruno, Einstein¹. Essa ética

¹ Demócrito (460 a.C. - 370 a.C.): foi discípulo e depois sucessor de Leucipo de Mileto. A fama de Demócrito decorre do fato de ele ter sido o maior expoente da teoria atômica ou do atomismo. De acordo com essa teoria, tudo o que existe é composto por elementos indivisíveis chamados átomos. (Nota *IHU On-Line*)

² Epicuro de Samos, filósofo grego do período helenístico. Seu pensamento foi muito difundido e numerosos centros epicuristas se desenvolveram na Jônia, no Egito e, a partir do século I, em Roma, onde Lucrécio foi seu maior divulgador. (Nota *IHU On-Line*)

³ Plutarco de Queroneia (45-120 ?), filósofo e prosador grego do período greco-romano, estudou na Academia de Atenas (fundada por Platão). (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ São Francisco de Assis nascido Francesco Bernardone (1181 - 1226), foi um Santo vindo de uma família de comerciantes. Em Assis ficou

se baseia no estupor, no amor pelo mundo e na responsabilidade. Considero que todo bom cientista no fundo esconde no seu coração esta tensão, mas é evidente que este êxtase com relação ao mundo é da arte, da música e de toda atividade da cultura.

IHU On-Line - Podemos aproximar o conceito de pós-humano ao do além-do-homem nietzschiano, responsável pela construção da vida como obra de arte, sem amarras religiosas e metafísicas?

Roberto Marchesini - Acho que Nietzsche entendeu antes de todo o mundo o declínio do humanismo e não teve medo disso, ao contrário de Heidegger. Todavia, as raízes humanísticas do homem demiurgo são ainda fortes nele, e o além-do-homem se realiza por meio de um ato individual e não da hibridação: essa é a diferença. No pós-humano, eu sou porque fui invadido pela alteridade e não porque me realizo solipsisticamente. Não acredito, no entanto, que o abandono da metafísica corresponda à renúncia da religiosidade: podemos sentir o êxtase até mesmo abraçando um cavalo, como fez Nietzsche, ou na compaixão pânica pelas criaturas, como nos ensinou Leopardi. Ir além do homem é a diretriz pós-humanística, não para destruir o homem, mas para doar-lhe uma dimensão relacional, para superar aquela arrogância destruidora que é a verdadeira blasfêmia contra toda forma de religiosidade. O além-do-homem, como o pós-humano, é um ato de amor e de hospitalidade, e não um modo para elevar-se sobre os outros.

conhecido como Francisco, ou seja o "pequeno francês". (Nota da *IHU On-Line*)

¹ **Albert Einstein** (1879-1955): físico alemão naturalizado americano. Premiado com o Nobel de Física em 1921, é famoso por ser autor das teorias especial e geral da relatividade e por suas idéias sobre a natureza corpuscular da luz. É provavelmente o físico mais conhecido do século XX. Sobre ele, confira a edição nº 135 da revista *IHU On-Line*, sob o título *Einstein. 100 anos depois do Annus Mirabilis*. A publicação está disponível no sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), endereço www.unisinos.br/ihu. A TV Unisinos produziu, a pedido do IHU, um vídeo de 15 minutos em função do *Simpósio Terra Habitável*, ocorrido de 16 a 19 de maio de 2005, em homenagem ao cientista alemão, do qual o professor Carlos Alberto dos Santos participou, concedendo uma entrevista. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - É possível compreender o pós-humano com base na experiência niilista da morte de Deus? A técnica ocupa hoje o lugar da religião?

Roberto Marchesini - Se a idéia de Deus for aquela mesma antropomórfica de muitas religiões - Deus feito à imagem e semelhança do homem - acredito que esteja se consumindo um divórcio profundo, não ainda explícito, mas em um rápido suceder-se. Perdendo a idéia de homem como medida, também esta forma de religiosidade é destinada a desaparecer. A tecnociência não toma o lugar de Deus, mas acrescenta em nós o estupor em relação ao mundo, torna-nos de algum modo panteístas, faz-nos focar a religião de um modo menos projetivo. Devo dizer que talvez esta seja a minha esperança, porque constato com horror como o antropocentrismo, também na religião, esteja destruindo o mundo e desvalorizando o homem.

IHU On-Line - O que seria o antropocentrismo ontológico? O pós-humano é a exacerbação do conceito de homem, que não depende de nada e a nada deve dar satisfações?

Roberto Marchesini - Este é o ponto nevrálgico do assunto. O antropocentrismo ontológico significa considerar o homem autofundado, quer dizer, acreditar que para reforçar as qualidades humanas se deva purificar o homem do não-humano. Acredito que as coisas estejam caminhando em um sentido inverso: os predicados humanos se realizam na medida em que o homem acolhe o mundo e se faz menos auto-referido. Parece um paradoxo, mas nós realizamos as nossas qualidades antro-po-decentrando-nos, ou seja, não desligando-nos do mundo e fechando-nos em nós mesmos, mas assumindo outras perspectivas. A cultura é o exemplo mais claro do nosso débito com relação aos animais: a dança, a arte, a moda, a música, a técnica, são formas de hibridação com os animais. As máquinas são o melhor exemplo da nossa fusão com as outras

espécies; as máquinas são quimeras, meio homens e meio animais são instrumentos que se animam, e o universo das outras espécies é a grande fonte inspiradora da taxonomia maquínica. Superar o antropocentrismo ontológico significa entender este débito e respeitá-lo. É um pouco como o egocêntrico que não cresce se não supera a falsa impressão de que o mundo gira ao seu redor. O conhecimento nos faz híbridos, não nos purifica; nos torna mais dependentes, não mais autônomos.

IHU On-Line - Como fica a alteridade nesse cenário? E a representação democrática, se o homem é auto-referente?

Roberto Marchesini - O pós-humanismo reforça o valor da alteridade e tolhe ao homem aquela auto-referência que o humanismo lhe havia consignado. As alteridades constroem a nossa identidade, isso significa que, destruindo as alteridades, nós colocamos uma pesada hipoteca sobre as nossas possibilidades de identidade. Quem tinha bem entendido isso era o escritor Philip Dick, que afirmava que não poderia haver um futuro para o homem além da relação com os animais, e é por isso que também os seus replicantes sonham com ovelhas, mesmo que elétricas. O homem não é um compasso para o mundo, a idéia de Leonardo teve o seu tempo, e hoje

corre o risco de transformar o mundo em um deserto. Aí sim é que a tecnociência se tornaria uma arma perigosa e devastadora.

IHU On-Line - Essa concepção auto-referente pode ser a base para entendermos as inúmeras intolerâncias que ainda persistem, como a religiosa, a sexual e racial?

Roberto Marchesini - O mito da pureza, a submissão dos animais ao homem, a idéia existencialística da forma perfeita, foram as bases de toda a forma de discriminação. Santo Agostinho já havia entendido isso, pois onde há discriminação humana versus não-humano e maltrato aos outros viventes, há o modelo para submeter o homem ao homem. Não é por acaso que o operador discriminativo sempre apelou à natureza zoomorfa do discriminado: o louco, a mulher, a criança, o estrangeiro sempre foram representados como animais ou como portadores de uma maior dose de animalidade. Para entender as máquinas, precisamos começar a entender melhor as nossas relações com os outros seres vivos e sair desta solidão de espécie. O pós-humanismo é o contrário da auto-referência, é a celebração da hibridação, é a consciência de que o homem não apenas não é a medida do mundo, mas não é nem mesmo a medida de si mesmo.

Uma escolha suicida

ENTREVISTA COM MARCELO BUIATTI

“Se a nossa escolha suicida for mantida, infelizmente muitas espécies de microorganismos, de animais e de vegetais diminuirão muito”, é o que diz o professor de genética e vice-diretor no Departamento de Biologia Animal e Genética Leo Pardi da Universidade de Firenze, Marcello Buiatti. Buiatti também disse que os cálculos elaborados no Millennium Ecosystem Assessment, uma fonte da ONU dizem que a velocidade de extinção das espécies animais e vegetais é de mil vezes superior a dos períodos precedentes, incluindo os de máxima extinção. “Tudo isso acontece exatamente pela tendência humana a submeter a um único modelo produtivo o nosso Planeta, mudado pelas revoluções industriais”, completa.

Buiatti é presidente do Centro Interdepartamental Biotecnologia Agrária Química e Industrial (CIBIACI) e presidente nacional da Associação Ambiente e Trabalho, além de membro da Comissão Ministerial Ambiente Biodiversidade e Bioética. Ele concedeu uma entrevista para a revista IHU On-Line por e-mail. O professor costuma vir ao Brasil porque faz parte de um projeto de cooperação Brasil-Itália que tem sede em Brasília, mas estende-se por quatro zonas do País e refere-se à conservação da diversidade das agriculturas.

IHU On-Line - O conceito de pós-humano pressupõe evolução biológica e/ou cultural?

Marcello Buiatti - A estratégia de adaptação humana, diferentemente do que ocorreu com outros primatas, não se baseou na variabilidade genética, mas na variabilidade cultural. A prova disso é que a nossa variabilidade genética atual, medida com refinados métodos moleculares, é muito menor do que a do gorila ou a do chimpanzé, mesmo que estes dois animais sejam muito mais numerosos do que nós. Isso deriva, no entanto, do baixo número de indivíduos que compunham a nossa espécie antes que, 50.000 anos atrás, os homens africanos se movessem daquele continente e rapidamente se expandissem por toda a Terra. Como

éramos poucos, tínhamos pouca variabilidade, que se conservou como tal mesmo que tenhamos ocupado ambientes diversos. Isso porque, enquanto os animais, e assim também os outros Primatas, se adaptaram aos diversos ambientes, modificando, com a seleção natural, a sua estrutura genética, a estrutura humana permaneceu quase igual, e nós nos adaptamos com a nossa variabilidade cultural que nos permitiu modificar, em muitos modos, os ambientes nos quais nos encontrávamos. São indícios disso as 6000 linguagens que ainda existem na Terra, mesmo que se estejam extinguindo com grande rapidez. Portanto, a nossa estratégia de adaptação utiliza a enorme capacidade de



invenção do nosso cérebro¹, muito superior àquela do nosso DNA. Hoje sabemos que temos somente 23.000 genes, enquanto possuímos cem bilhões de neurônios que podem formar infinitas conexões. Portanto, a capacidade de informação do cérebro é infinitamente superior a do genoma. É óbvio, pelo que foi dito, que as diversas culturas são a nossa única riqueza, sem a qual a nossa espécie, muito fraca e pouco variável geneticamente, seria rapidamente extinta. Infelizmente, está em ato um processo muito perigoso de eliminação da nossa variabilidade cultural, com a extinção de linguagens, alimentos, religiões, ritos, literaturas, músicas. Estamos perdendo, contemporaneamente, também a variabilidade genética das plantas cultivadas e dos animais criados, extremamente importante para termos agriculturas independentes dos adubos, pesticidas e outros aditivos químicos. O que está acontecendo é que os camponeses são expulsos das suas terras pela agressão das agriculturas industrializadas e vão para as grandes cidades para morrerem de fome, perdendo, assim, o sentido das suas comunidades, as línguas, as culturas, e abandonando sementes e animais que são completamente perdidos. Tudo isso porque acreditamos na equivalência dos viventes às máquinas, computadores dotados de um só programa. Se isso fosse verdade, então o nosso objetivo seria o de nos tornarmos todos iguais e “ótimos”. Na vida, as coisas não são assim: não vence quem é homogêneo e “ótimo”, mas vencem aqueles que são flexíveis, mudando facilmente quando é necessário, e assim se adaptam aos diversos ambientes, aos diversos contextos, às diversas condições de vida. Se a tendência não mudar, o pós-humano não será diferente do ponto de vista genético, no sentido que a nossa bagagem hereditária não mudará em nenhum modo. Será, porém, diferente do ponto de vista cultural, porque terá perdido a capacidade de invenção, abandonando a estratégia de

¹ Sobre o assunto conferir edição 194 disponível para download em www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

adaptação que nos permitiu viver em ambientes muito diversos. O pós-humano será idêntico, ou quase, a nós do ponto de vista físico, mas estúpido (incapaz de invenções para a mudança) tanto individualmente quanto coletivamente. Ou melhor, mais do que estúpido, muito provavelmente será morto, porque, se não mudamos, morremos e nos tornamos como umas máquinas. Depende de nós mudarmos essa tendência e voltarmos à nossa fonte de vida, a diversidade, que em nós somente pode ser cultural, assim como escrevi no meu livro *A Benévola Desordem da Vida*.

IHU On-Line - Qual será o espaço que outras espécies animais terão no mundo pós-humano? O homem continuará sendo o centro das questões?

Marcello Buiatti - Se a nossa escolha suicida da qual eu falava antes for mantida, infelizmente muitas espécies de microorganismos, de animais e de vegetais diminuirão muito. Já hoje os cálculos elaborados no Millennium Ecosystem Assessment, uma fonte da ONU extremamente confiável e atualizada, nos dizem que a velocidade de extinção das espécies animais e vegetais (e não há dados sobre os microorganismos) é de mil vezes superior a dos períodos precedentes, incluindo os de máxima extinção. Tudo isso acontece exatamente pela tendência humana a submeter a um único modelo produtivo o nosso Planeta, mudado pelas revoluções industriais. Este é um modelo de alto consumo dos recursos não-renováveis, portanto determina profundas mudanças no clima e na própria estrutura da biosfera e dos ecossistemas que a constroem. E não é somente isso, mas a imposição de um único modelo de agricultura comporta inevitavelmente o aumento contínuo do desmatamento, e com isso a perda da flora e da fauna que vive nas florestas, contemporaneamente à perda de variabilidades de plantas e de animais domésticos. Em outras palavras, a autodestruição dos seres humanos é previsível exatamente porque o modelo de desenvolvimento

prevalente destrói em geral as condições de vida atuais. Naturalmente, não todas as plantas e animais serão eliminados, e principalmente os microorganismos serão capazes de sobreviver. Em última análise, os primeiros a sofrerem pelo estado do Planeta seremos nós, espécie patrao, mas extremamente frágil se fica incapacitada de mudar de modelo.

IHU On-Line - Como é possível entender os aspectos positivos e negativos do conceito de pós-humano?

Marcello Buiatti - A nossa espécie tem diante de si escolhas que devem ser feitas com grande rapidez, e serão estas escolhas que determinarão à positividade ou não do pós-humano. Se nos dermos conta rapidamente dos erros que estamos cometendo e compreendermos que as atividades humanas e a nossa própria vida dependem das vidas dos outros seres vivos que povoam o Planeta e que todos dependemos do estado deste e do seu clima, da presença de recursos renováveis e não-renováveis suficientes, poderemos também ter um desenvolvimento positivo para a vida em geral e também para a vida humana. Para que isso aconteça, são as próprias sociedades humanas que devem mudar. É necessário que seja instaurado um processo que leve à solidariedade mundial, à eliminação das diferenças nos níveis de vida e de bem-estar das populações, ao respeito e à valorização das diversidades humanas. Uma sociedade futura positiva não poderá surgir se os homens não souberem impor a si mesmos leis de mercado que não privilegiem o mais forte, que detenham o uso indiscriminado dos recursos, principalmente aqueles da diversidade dos seres vivos e das culturas humanas. Isso não será possível se não nos dermos conta do perigo ao qual estamos indo ao encontro, e se não compreendermos que o crescimento da circulação monetária (o GNP) não é de verdade o único índice de bem-estar que devemos levar em consideração, voltando a atribuir o valor de uso aos produtos e a tudo aquilo que

nos circunda. Isto é, não é correndo mais para aumentar vertiginosamente a transferência de moeda e o consumo dos quatro elementos (ar, água, fogo, ou seja, energia, solo) e da vida que teremos resultados positivos.

IHU On-Line - Como fica a ética dentro de um mundo pós-humano? Ainda é possível pensar em ética nesse contexto?

Marcello Buiatti - Eu, pessoalmente, acredito que haja uma ética da mudança positiva, que é aquela que eu descrevi anteriormente. Essa é uma ética laica, mas que, acredito, seja perfeitamente aceitável também por quem é religioso. Se ética quer dizer "não faça aos outros o que não queres que os outros façam a ti", e se estendermos o sentido de "outros" a todos os seres vivos, é bem evidente que somente com esta ética nós e os outros poderemos sobreviver. Desobedecer este princípio significa de fato desobedecer também ao mandamento de não matar, porque é morte o que produzimos com a nossa corrida em direção ao precipício. Somente restabelecendo os necessários laços positivos entre os seres humanos e entre estes e os outros seres vivos conseguiremos inverter a rota, e essa é uma operação de altíssimo valor ético que começa com o fim das guerras, das discriminações, das matanças em massa de nós, humanos, e dos outros, plantas, animais e microorganismos.

IHU On-Line - Há como traçar um futuro próximo? Quais serão nossos maiores desafios, como seres humanos? Quais serão os desafios de outras espécies de animais?

Marcello Buiatti - A nossa espécie, na sua versão atual, na minha opinião, começou a existir quando nasceu no ser humano a capacidade de representar a natureza externa como forma de arte. O processo foi o seguinte: simplesmente observando tudo o que nos cercava, passamos à sua elaboração no nosso cérebro, e após a

projeção na matéria externa do fruto desta elaboração. Isso aconteceu já há 27.000 anos, com esculturas que já representavam homens, mulheres e roupas com as quais se cobriam. Esta foi à primeira forma de projeto. E o que é um projeto, de fato, senão o recolhimento de dados, a sua elaboração e a sua transformação no projeto, que depois é projetado na matéria externa? Nenhum animal é capaz de fazer isso mesmo que use de modo monótono, de geração a geração, matéria externa para realizar algumas ações. Inicialmente, a projeção servia para encontrar instrumentos aos quais fossem adaptadas casas para proteger-se do ambiente, roupas para cobrir-se, e finalmente agriculturas, quando abandonamos a caça e a pesca. As agriculturas também eram construídas para adaptar-se aos ambientes diversos, que sempre eram respeitados. Mais tarde, começou-se a produzir máquinas cada vez mais sofisticadas, que tinham cada vez menos a ver com a adaptação, e sempre mais a ver com o objetivo de construir um mundo todo máquina e todo adaptado a nós. Aconteceram as revoluções industriais e lentamente se construiu a idéia de que todo o Mundo era uma grande máquina para conhecer, e, portanto, para mudar, tornando-o otimizado, como sempre se faz com as máquinas. Na segunda metade do século XX, firmou-se a convicção de que também os seres humanos eram máquinas, e, mais precisamente, computadores, todos dotados de um só programa.

Sujeitos objetos

Deste modo, transformavam-se os sujeitos viventes em objetos, para poder modificar segundo a nossa vontade, sem nenhum perigo. De fato, as máquinas têm todas um só programa, dado pelo homem, e farão obrigatoriamente tudo o que o homem lhes disser que devem fazer. A partir daí, o passo seguinte é o de considerar todo o mundo como uma imensa máquina otimizada, regulando suas peças uma a uma. Esse é o modelo industrial que é bem representado no filme

Metrópolis, de Fritz Lang. Hoje, além de manter essa “utopia mecânica”, estamos aderindo ao valor crescente da moeda como tal, pelo qual um objeto, ou uma parte da natureza, não serve porque é útil para a nossa vida, mas porque gera dinheiro. E de fato, somente uma pequena parte da transferência de moeda que ocorre com os meios informáticos mais sofisticados é coberta pela matéria, o resto é moeda como tal. E no mais, o PIB tornou-se índice de riqueza real, quando é, ao invés, somente índice de movimentos financeiros. O PIB, de fato, cresce quando há desastres, porque se investe nos reparos, cresce se o sistema sanitário público não funciona, porque se investe no privado, etc., isto é, chegamos à última fase da alienação da matéria vivente que existe, quando existe somente porque tem um nome e movimenta moeda. É esse nosso afastamento da realidade da nossa vida que nos torna incapazes de nos assustarmos diante de catástrofes naturais, incapazes de nos preocuparmos quando o clima muda e a variabilidade se perde, porque todas essas são notícias que removemos. Não somente a nossa capacidade de adaptação é bloqueada, mas nem mesmo queremos nos dar conta dos perigos nos quais estamos nos precipitando, na tentativa de tornar “otimizada” a máquina do Mundo. Naturalmente, todo esse processo não é espontâneo, mas dirigido por grandes forças econômicas e militares que não se dão conta de quão efêmera seria sua vitória total, que levaria somente à sua destruição. O desafio que se põe é o de voltar a viver, a viver verdadeiramente sentindo a necessidade de estar bem, de mudar para sobreviver, de mobilizar os nossos grandes recursos para a vida, e não para uma utopia suicida. Este desafio deve ser afrontado agora, porque somos a única espécie que sozinha é capaz de mudar todo o Planeta, e por isso temos uma força imensa capaz ainda de inverter o processo, mas somente se houver intenção de fazer isso. Portanto, o Mundo deve estar novamente em condições de confrontar-se com as

verdades da vida, de escutar também o que a ciência diz nos primeiros anos do terceiro milênio, de não fazer a política do avestruz quando chegam as notícias de catástrofes iminentes, tachando de loucos aqueles que

defendem a vida. Temos que, ao invés, voltar a gozar a vida e a defender-nos de tudo o que a está suprimindo, incluídos os seres humanos aparentemente donos do Mundo, que serão os primeiros a sucumbir.

O ser humano e o animal se hospedam um ao outro

ENTREVISTA COM CLAUDIO TUGNOLI

“A idéia fundamental do pós-humanismo, empenhado numa compreensão profunda da realidade humana, é precisamente a concepção da interdependência entre o homem e o animal, no qual o homem e o animal se hospedam um ao outro”, é o que diz o professor de filosofia italiano, Claudio Tugnoli.

Tugnoli é professor do Departamento de Filosofia da dell'Università degli Studi di Bologna (Italia). É colaborador do Departamento de Ciência Humana e Social da Faculdade de Sociologia de Trento. Entre suas últimas publicações, Girard. Dal mito ai vangeli, de. Messaggero, Pádua 2001; Bioetica della vita e della morte, AA.VV. ; La bioetica nella scuola, Franco Angeli, Milão 2002; L'unità di tutto ciò che vive. Verso una concezione antisacrificale del rapporto uomo/animale, in C. Tugnoli (org.) Zooantropologia, Storia, etica e pedagogia dell'interazione uomo/animale, FrancoAngeli, Milão 2003, p. 13-74; La teoria mimetica come superamento della logica sacrificale, in L'apprendimento della vittima. Implicazioni educative e culturali della teoria mimetica (em colab. com Giuseppe Fornari), FrancoAngeli, Milão 2003, p. 13-137; Su verità e menzogna in senso storico, in La storia fra ricerca e didattica, ed. de B. de GErloni, Franco Angeli, Milão 2003, pp. 263-360; La magnifica ossessione, Bruno Mondadori, Milão 2005; W. Wundt, Obras, coord. e introd. de C. Tugnoli, UTET, Turim 2006.

Tugnoli concedeu a entrevista que segue por e-mail à IHU On-Line.

IHU On-Line - O que é zooantropologia?

Claudio Tugnoli - A zooantropologia existe como disciplina específica há uns vinte anos. Ela se desenvolve em particular na Europa e nos Estados Unidos com o objetivo de fornecer uma resposta aos problemas da interação homem/animal, sobretudo, para compensar a

carência desta relação e para satisfazer a explosão do interesse relacional com o mundo animal. A zooantropologia tirou grande vantagem das pesquisas desenvolvidas no campo da bioética animal e da afirmação da tese continuísta, que considera as diferenças de habilidades e prestações entre animais



humanos e não-humanos como diferenças de grau, não de natureza. A zooantropologia tem, depois, contribuído para consolidar esta concepção, que estende a noção de pessoa também aos animais. Não se exagera quando se consideram a zooantropologia e a bioética animal como uma verdadeira e própria revolução de ordem filosófica, ética e pedagógica. É a própria noção de vida que foi posta em discussão e a relação homem-animal foi refundamentada. A revolução é recente e ainda está em ato. Limito-me a assinalar a contribuição de Peter Singer¹ nesta direção. Singer (*Rethinking Life and Death: The Collapse of Our Traditional Ethics*, 1994) observa que a teoria evolucionista de Darwin² (*A origem do homem é de 1871*), por pelo menos um século, nem sequer arranhou a concepção tradicional que assinala um status especial aos seres humanos, criados à imagem e semelhança de Deus. Faz agora trinta anos, teve início um processo de difusão de uma nova consciência ecológica, determinada pelos sinais alarmantes de danos consistentes provocados ao ecossistema pelas atividades humanas. Um outro passo em frente foi realizado graças aos teóricos da libertação animal, os quais expressaram a exigência de pôr o problema da igualdade não só no interior da espécie humana, mas também com respeito às outras criaturas sensíveis. Os teóricos da libertação animal se bateram para superar os limites estreitos de uma moral restritiva, com o objetivo de estender também aos animais não-humanos o reconhecimento de

interesses e direitos. Além disso, acrescenta Singer, um melhor conhecimento dos grandes símios exigiu a superação de velhos esquemas, que atribuíam a posse da inteligência somente aos animais humanos. A idéia de uma demarcação nítida entre animais humanos e não-humanos se desfez definitivamente quando foi possível dar-se conta de que muitos símios superiores são capazes de inteligência instrumental e até de usar uma linguagem (entender e usar um elevado número de sinais coordenados entre eles). O movimento de pensamento que funciona sob o nome de libertação (ou liberação) animal foi reforçado pelos estudos experimentais que reduziram decisivamente a distância entre animais humanos e não-humanos. Além da inteligência, cujo uso e posse podem ter muitos graus, nós e os animais compartilhamos de aspectos decisivos da vida material e da organização social de um território: a busca de alimento, a conquista de um parceiro, a realização de uma posição de liderança ou o incremento de status, a proteção da família e a defesa do próprio território. Temos em comum com os outros animais, observa Singer, até mesmo os princípios morais fundamentais que disciplinam o nosso comportamento, como, por exemplo, a regra da reciprocidade, os deveres para com os consangüíneos e os freios ao comportamento sexual. As últimas pesquisas da biologia e da genética demonstram que o homem pertence à mesma família e ao mesmo gênero dos chimpanzés e dos gorilas: um resultado revolucionário com respeito à classificação de Lineu, que atribui aos humanos não só uma espécie existente por si (homo sapiens), mas também um gênero separado (Homo) e até uma família separada (Hominidae). Mas, a classificação de Lineu obedece unicamente ao desejo de separar o homem dos outros animais. Também a definição de espécie como grupo de indivíduos interfecundos foi desmentida pela existência de espécies que se revelaram interférteis. É possível que espécies diversas não possam mais reproduzir-se por causa do

¹ Peter Singer: filósofo australiano. Concedeu entrevista na edição 191 da *IHU On-Line: Por uma ética do alimento. Sobriedade e Compaixão*. Seu último livro foi *The way we eat. Why our food choices matter?* New York: Rodale, 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

² Charles Robert Darwin (1809-1882): naturalista britânico, proponente da Teoria da Seleção natural e da base da Teoria da Evolução no livro *A Origem das Espécies*. Teve suas principais idéias em uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. (Nota da *IHU On-Line*)

desaparecimento dos tipos intermédios. Entre um ser humano e um chimpanzé não há reprodução; poder-se-ia coligar este limite ao número diverso de cromossomos do chimpanzé (48) e do homem (46). Todavia, é sempre Singer que argumenta, duas diversas espécies de símios que vivem na Malásia e na Indonésia, como o siamango e o gibão, resultaram interfecundos, não obstante o número diverso dos cromossomos (respectivamente 50 e 44). Isso impede excluir que homens e chimpanzés possam resultar interfecundos.

***IHU On-Line* - Qual será o espaço que outras espécies animais terão no mundo pós-humano? O homem continuará sendo o centro das questões?**

Claudio Tugnoli - Os indivíduos humanos são chamados com o termo “pessoa”, como se isso fosse sinônimo de “ser humano”. Nos textos de bioética, ao invés, o termo “pessoa” é usado para indicar um indivíduo que possui certas características, por exemplo, a racionalidade e a autoconsciência. Entre ser humano e pessoa não subsiste nenhuma identidade semântica: há pessoas que não são seres humanos (por exemplo, Deus ou outros seres pertencentes a espécies diversas da humana, que vivem sobre a terra ou em qualquer outro planeta do universo) e há seres humanos que não são pessoas (como os sujeitos anencéfalos, os indivíduos mergulhados no coma irreversível, ou ainda, em sentido estrito, os indivíduos humanos assim ditos normais quando dormem). A teologia ocidental reconhece a qualidade de pessoa ao Pai e ao Espírito Santo, que, no entanto, não são seres humanos. Há pessoas que são seres humanos, mas também pessoas que não o são sem pertencerem aos nove sobre dez. Os grandes símios, escreve Singer, são pessoas sob todos os efeitos, mas no futuro poderão emergir ulteriores e definitivos elementos de prova que permitirão enumerar entre as pessoas também as baleias, os delfins, os elefantes, os cães, os suínos e outros animais, que sejam conscientes da própria

existência no tempo e capazes de raciocínio. Enfim, se também fosse discutível a própria noção de inteligência e consciência, deveríamos ainda admitir que aos animais em geral seja reconhecido que sofrem, sentem dor de muitos modos e que o nosso cuidado por eles não pode depender do grau de racionalidade e de autoconsciência que possuem.

Racionalidade e autoconsciência

Aqui há um problema bastante sério, que Singer elude. Ele parece pressupor que racionalidade e autoconsciência são características que as diversas espécies possuem em grau diverso. Uma tese, esta, que podemos definir como continuísta. Pode-se, todavia, sustentar que, como faz, ao invés, Felice Cimatti, uma tese oposta, descontinuísta, que assinala somente aos animais humanos a característica da racionalidade e da autoconsciência, negando-a totalmente aos animais não-humanos. Uma teoria zoológica, a de Cimatti, que repropõe a filosofia cartesiana. Assim, o neocartesianismo parece repropor uma barreira entre o homem e os animais, que os manteve, por longo tempo, separados e inimigos. Mas, a pergunta de Singer, neste ponto, se torna atordoante: “Por que jamais deveremos tratar como sagrada a vida de uma criança anencéfala e sentir-nos livres para matar crianças sadias para retirar seus órgãos? Por que encerrar chimpanzés em gaiolas de laboratório e contagiá-los intencionalmente com doenças humanas fatais, se nos aborrece a idéia de fazer experimentos em seres humanos gravemente deficitários intelectualmente, que apresentam um nível mental análogo ao dos chimpanzés?”.

***IHU On-Line* - Como podemos caracterizar o sujeito pós-humano?**

Claudio Tugnoli - O pós-humanismo vai além do velho humanismo, que insiste na separação entre o homem e o animal, mostrando que, ao contrário, o animal é parceiro

de consciência. Um homem mostra uma relação de parentesco com o animal, seja do ponto de vista filogenético, seja pela abertura à hibridação animal. A cultura humana começou pela sinergia e pelo confronto, da parte do homem, com as habilidades e os modelos comportamentais das diversas espécies animais, com as quais o homem interage desde os primórdios. A tese da dependência cultural do homem com relação ao animal não implica nenhum reducionismo da parte da zooantropologia, que mostra quanto seja infundada a pretensão do velho humanismo, de que a cultura seja oposta com respeito ao teriomórfico e aos modelos animais. Que a cultura seja uma emancipação do homem ou um dom dos deuses, como ensina o mito de Protágoras¹, ao qual se refere Platão no diálogo homônimo, é uma ilusão solipsista que induz a pensar na cultura como elemento de diferenciação do homem com respeito às outras espécies animais, sem reconhecer ao animal o papel de *magister*, que resulta, ao invés, ser central ao totemismo. O homem aprende dos animais, que são mediadores e próteses no plano prospectivo, cognitivo, taxonômico, epistemológico, semiótico, estético, operativo. Roberto Marchesini² interpretou com razão o mito de Protágoras como “manifesto” do humanismo clássico: a reconstrução que o sofista Protágoras oferece do nascimento da civilização humana expressa muito bem a concepção antropológica da incompletude. Segundo a tese da incompletude, a cultura seria um instrumento de compensação da falta de ser do homem. Diversamente dos animais que foram providos (segundo Epimeteu) de uma série de habilidades definidas e cumpridas, o homem não recebeu nenhum dom, de modo que sua natureza consiste no fato de não ter uma natureza, uma fisionomia própria. Na

¹ Mito de Protágoras : discorre sobre a criação do homem, divisão de atributos e instituição da arte política necessária para que os homens pudessem conviver em sociedade. (Nota da *IHU On-Line*)

² Conferir entrevista nesta mesma edição. (Nota da *IHU On-Line*)

interpretação de Pico della Mirandola³, o homem se distingue dos outros seres vivos pelo fato de não ter uma identidade. O homem não é nada, mas pode tornar-se tudo. O humanismo sempre tem, por conseguinte, necessidade do confronto com qualquer alteridade para definir o homem mediante a negação, a exclusão. O paradigma da incompletude, já bem expresso no mito de Protágoras, é representado na antropologia filosófica até o século XX. Isso vem, no entanto, acompanhado de uma concepção isolacionista da evolução cultural, a qual pretende identificar uma pureza identitária do ser do homem e de sua cultura que está em aberta contradição com a tese da incompletude. Num certo sentido, porém, a concepção pós-humanista é a aplicação consequente da tese da incompletude. Se a essência do homem consiste em não ter uma essência, então a sua evolução será determinada, desde sempre, pela contaminação, pela hibridação, pela conjugação com a alteridade, com a adoção de modelos em condições de desenvolver potencialidades desconhecidas e imprevisíveis. Na história, o homem encontrou a alteridade em três acepções fundamentais: 1) os animais; 2) os homens pertencentes a culturas diversas; 3) a técnica. A evolução da cultura nada tem a ver com o isolamento, com a preservação de uma pretensa essência própria, sob o risco de adulteração e corrupção. O isolamento e a defesa das contaminações são obstáculos à evolução cultural e são incompatíveis com a tese, também esta humanística, da incompletude. Humanistas como Heidegger⁴ e Hans Jonas¹ consideram a técnica como

³ Giovanni Pico della Mirandola (1463 -1494) foi um erudito, filósofo neoplatônico e humanista do Renascimento italiano. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Martin Heidegger de Messkirch (1889-1976): filósofo alemão. A seus olhos, o que define a ontologia e sua história é o esquecimento do ser como lugar de questionamento. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19 de junho de 2006, e 187, de 3 de julho de 2006, disponíveis para download no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

uma ameaça para o homem, ao qual ela subtrairia predicados humanos. Reduzido a ser puramente passivo pelo progresso tecnológico, o homem seria desumanizado: também aqui o homem é definido indiretamente, por negação da alteridade. De fato, subentende-se que, se não existisse a alteridade tecnológica, ele poderia desenvolver sua essência de homem livremente. Sabemos, no entanto, que, se não se conjugasse com a alteridade, se não adotasse modelos externos, se o homem se iludisse com a idéia de poder ser discípulo de si próprio, não haveria nenhum desenvolvimento cultural. O humanismo cultiva o mito da originalidade e reivindica a propriedade no momento mesmo em que esse que não tem nada de próprio, de originário, sendo incompleto e vazio. A alteridade é concebida como um obstáculo à evolução e à formação de uma dimensão original própria, enquanto, em realidade, esta é uma condição, um pressuposto para que o homem se cumpra, convertendo as potencialidades em atualidade. A visão pós-humanística reconhece o papel essencial da alteridade (animal, cultural, tecnológica) no processo antropopoiético. O ser-do-homem não tem nenhuma completude e perfeição que se deva defender dos riscos de alteração; ao contrário, o homem pode desenvolver-se e realizar a própria humanidade somente hibridando-se. O pós-humanismo abandona toda visão fundada na separação e na dicotomia homem/animal, cultura/natureza, tecnológico/biológico e afirma “o estatuto dialógico da ontologia humana” (Marchesini). O homem do pós-humanismo reconhece o próprio débito nos confrontos das alteridades humanas e refuta toda concepção do homem como dominador da alteridade e rejeita a tentação do isolamento. “A cada passo

1 Hans Jonas (1902-1993): filósofo alemão, naturalizado norte-americano, um dos primeiros pensadores a refletir sobre as novas abordagens éticas do progresso tecnocientífico. A sua obra principal intitula-se *Das Prinzip Verantwortung. Versuch einer Ethik für die technologische Zivilisation*, 1979. (Nota da *IHU On-Line*)

hibridante, o homem aumenta sua necessidade de alteridade, e não o seu domínio sobre a alteridade: esta consciência deve ser uma admoestação para o homem do século XXI, a fim de evitar perigosas negligências no confronto com a realidade externa, que o conduzam a pensar como uma ilha totalmente auto-suficiente” (Marchesini).

***IHU On-Line* - Que vias estamos seguindo para novos modelos de existência?**

Claudio Tugnoli - Na Itália, a zooantropologia obteve notáveis progressos também no plano teórico, principalmente por mérito de Roberto Marchesini. A zooantropologia teórica procurou esclarecer o profundo significado da relação homem/animal, que não se pode reduzir a mero desfrute. A extrema variedade das espécies vivas no plano morfofuncional, etológico e zô-semiótico consegue, sim, que o animal assuma uma função formativa absolutamente primária para educar ao reconhecimento e à aceitação da alteridade, para potenciar e afinar a capacidade de compreensão, nos seres humanos, da linguagem dos animais. A zooantropologia aplicada tem como objetivo de intervenção, não o homem ou o animal tomados em si mesmos, mas a dupla homem-animal, com o fim de utilizar todos os recursos desta parceria que, costumeiramente, são ignoradas ou sacrificadas na relação inter-humana. Desfrutando dos nexos emocionais e cognitivos que coligam o ser humano às outras espécies, a zooantropologia aplicada solicita as valências formativas, didáticas e terapêuticas da interação interespecífica. No plano formativo, verificou-se que a interação com o animal aumenta o vocabulário imaginativo, facilita a familiarização com a diversidade, encoraja a comunicação, aumenta o grau de auto-estima.

Centro de interesses

No plano didático, o animal é um centro de interesses insubstituível, que permite experiências cognitivo-lúdicas, conectando os diversos ambientes (escola e casa), facilita o conhecimento de si mesmo e da própria corporeidade, desenvolve empatia cognitiva e estimula o interesse pela realidade. Esta valência é muito útil na recuperação de sujeitos em dificuldades de várias espécies. Um aspecto educativo sublinhado pela zooantropologia consiste em que a criança é educada a cuidar do animal como ser indefeso que dela necessita. Resulta daqui o estímulo à colaboração com os outros e à planificação em vista de um fim, de onde resulta, também, a compreensão das necessidades de medidas de proteção e de salvaguarda do ecossistema.

IHU On-Line - Quais são os riscos trazidos pelas tecnociências para a humanidade? Ela está ameaçada? Quais são os riscos para as outras espécies vivas?

Claudio Tugnoli - As tecnociências podem representar uma oportunidade somente se a pesquisa estudar a fundo os mecanismos que mantêm o equilíbrio entre as várias espécies, para favorecer, não a diminuição, se possível, mas o aumento da biodiversidade. É possível imaginar que o homem, depois de haver aprendido a hibridar-se com os modelos das várias espécies animais, esteja

ampliando a esfera de hibridação também com as máquinas. Não há nada de estranho ou de horrível em tudo isso, desde o momento em que o homem, por sua natureza, é sempre dependente do ambiente. O horror humanístico suscitado pelo projeto de máquinas também mais inteligentes que o homem funda-se na convicção de que existe uma diferença objetiva, uma linha de nítida separação entre o natural e o artificial. Adão, no fundo, foi apenas o primeiro andróide ou humanóide, feito à imagem e semelhança do Criador. O homem é por definição um animal capaz de imitações. As máquinas, como os animais, são e serão as suas próteses, os seus mediadores epistêmicos e culturais em geral. Se os outros entes vivos desaparecessem, seria uma catástrofe para o homem, a partir do momento em que o animal, não obstante o comportamento exigente do velho humanismo, permanece como o carburante cultural do desenvolvimento cultural do homem. A idéia fundamental do pós-humanismo, empenhado numa compreensão profunda da realidade humana, é precisamente a concepção da interdependência entre o homem e o animal, no qual o homem e o animal se hospedam um ao outro.

É um absurdo o homem querer criar algo que o ultrapassasse

ENTREVISTA COM REMI BRAGUE

De acordo com o filósofo e historiador francês Rémi Brague, “Não há nada a colocar no lugar do cristianismo. Ele está longe de ter esgotado suas possibilidades”. A afirmação foi feita em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Brague leciona na Universidade Paris I, Sorbonne, na França. É autor de Europe, la voie romaine, Paris: Critérion, 1992 e A Sabedoria do Mundo. Lisboa: Edições Piaget, 2002, entre outros. No ano passado publicou o livro La Loi de Dieu. Histoire philosophique d’une alliance. Paris: Gallimard, 2005. Ele concedeu uma entrevista publicada na 175ª edição da IHU On-Line, de 10 de abril de 2006.



IHU On-Line - O que é a pós-modernidade? Podemos dizer que o homem do século XXI é pós-humano? Por quê?

Remi Brague - “Pós-moderno” e as palavras que dela derivaram datam de alguns decênios atrás. Cada um as atrai para si e dá-lhes o sentido que deseja. Uma observação somente: o fato de se definir por sua situação *depois* de alguma coisa é uma atitude tipicamente moderna. Ser “moderno”, quer dizer no fundo crer que se está situado *depois* de um tempo irrevogavelmente ultrapassado, aquele que chamamos Idade Média. Falar do que é pós-moderno, isto é, *depois* dos Tempos Modernos, é, de uma certa maneira, mostrar que somos fiéis a esse gesto fundamental da modernidade, e então que ainda não saímos dela. A forma mais conseqüente de ser pós-moderno seria talvez renunciar a crer que o que vem *depois* é melhor do que o que tínhamos *antes*. A idéia da pós-humanidade quanto a seu conteúdo não tem muito a ver com a idéia de pós-modernidade. Começou-se a utilizar esse termo faz alguns anos somente, em particular a partir do livro de Fukuyama, *Our Posthuman Future* (2002). Mas Julian Huxley, o irmão do autor de *Brave New World*, que foi o primeiro diretor da Unesco, falava desde 1957 de

“transumanismo”. O termo pós-humanidade é uma aplicação a mais dessa mania que quer a todo custo se colocar depois... Eu não sei muito se a expressão tem um sentido um pouco coerente. Situa-se ali em baixo das tentativas, sonhos e pesadelos, para refazer o homem a partir do controle presente ou futuro do genoma humano.

IHU On-Line - Como é possível compreender os aspectos positivos e negativos do conceito de pós-humano?

Remi Brague - “Passar além do humano” (*transumanar*) era já a forma como Dante, no início do *Paraíso*, caracterizava o dom mais alto da graça divina. O autor diz também que nós não somos mais do que as larvas de onde sairão angélicas borboletas. O que tem de muito positivo é a ambição. Nós não estamos mais no mundo grego: o pecado não é a *hybris*, a desmedida. Trata-se antes da falta de ambição, o fato de se contentar com pouco, de querer se satisfazer com outra coisa e não com a santidade. Releiamos a esse respeito os Padres da Igreja: eles nos lembrarão a nobreza da natureza humana, certamente recaída sobre o primeiro Adão, mas liberada pelo segundo Adão, o Cristo.

O negativo é não ver nada mais depois do humano do que seres que teriam muito mais daquilo que o homem decaído tem: mais orgulho, um cérebro maior, um poder maior sobre a natureza, uma vida mais longa.

IHU On-Line - Podemos aproximar o conceito de pós-humano ao além-do-homem nietzschiano, responsável pela construção de sua vida como obra de arte, sem amarras religiosas e metafísicas?

Remi Brague - A era moderna, a partir do início de século XVII, abriu-se sobre o sonho de uma dominação da natureza pelo homem, de um “reino do homem” (Francis Bacon) tornado “mestre e possuidor da natureza” (Descartes). Nietzsche, no final do século XIX, teve o mérito de reconhecer que “o homem é algo que deve ser ultrapassado” (Zarathustra). Para o humanismo moderno é uma constatação de fracasso. Entretanto, é interessante que o fracasso seja medido quanto ao próprio projeto moderno, com relação ao qual o homem se sente insuficiente. Conserva-se o modelo da dominação para pensar a relação do homem com a natureza, mas o homem, tal como ele é, não seria ainda capaz de assumir essa dominação.

Fazer de sua vida uma obra de arte? Isso soa bem. Só que depende da concepção de arte que se tenha. Plotino falava de “esculpir sua própria estátua”. Isso quer dizer: eu sou o único que posso trabalhar para me transformar; mas essa estátua não deve representar-me, ela deve representar os deuses. A arte moderna rompeu bastante cedo com sua origem religiosa: celebrar o divino, torná-lo visível. Desde o início do século XIX, ela abandonou a idéia de belo em proveito do “interessante”. Atualmente, ela me parece quase totalmente obsesionada pela sede de originalidade. Queremos verdadeiramente que nossa vida seja parecida com certas obras contemporâneas?

IHU On-Line - O senhor recusa a idéia de que o homem pode criar uma transcendência, pois uma transcendência criada, ou horizontal, não é uma transcendência. O que o senhor quer dizer, exatamente, com isso? O pós-humano é aquele sujeito que cria suas próprias transcendências e deixa Deus de lado?

Remi Brague - Na verdade, eu não rechaço nada. Não se pode rechaçar o que é real ou, ao menos, possível. Eu só queria fazer notar o absurdo da idéia segundo a qual o homem poderia criar alguma coisa que o ultrapassasse. Isso seria como sair por si mesmo das areias movediças, puxando os seus próprios cabelos como o barão Münchhausen pretendia fazer. Da transcendência não podemos constatar mais do que a existência. Um sujeito que pudesse criar suas próprias transcendências seria também capaz de destruí-las e de substituí-las por outras. Seria ele que transcenderia todas as suas pretendidas “transcendências”.

IHU On-Line - Em entrevista concedida à nossa revista, em abril deste ano, o senhor afirma que tanto o cristianismo quanto a modernidade estão em crise. O que está sendo erigido em seus lugares?

Remi Brague - É fato que as grandes Igrejas cristãs perdem a sua influência. Isso favorece o surgimento de uma religiosidade irracional. Por sua parte, a modernidade não se leva a si mesma suficientemente a sério. Somente os inocentes continuam acreditando num “progresso” automático para o bem, que seria paralelo aos avanços da ciência e da técnica, que são reais. As pessoas que pensam não acreditam mais nisso. Não defendemos mais o projeto pelas razões positivas, mas pelo medo das conseqüências do seu fracasso. É por isso que nós falamos com o maior cuidado do espectro do “obscurantismo” para poder continuar acreditando nas “luzes”.

Não há nada a colocar no lugar do cristianismo. Ele

está longe de ter esgotado suas possibilidades. Eu acredito mesmo que elas são infinitas, no sentido próprio desse adjetivo.

IHU On-Line - “O papel do cristianismo e dos cristãos nos próximos anos é simplesmente fazer de modo que haja próximos anos”, disse o senhor nessa mesma entrevista. Como a sociedade pós-humana pode agir para que esses próximos anos existam?

Remi Brague - Entenda-se bem, se o cristianismo e os cristãos desaparecessem, isso não impediria o tempo de passar. Eu queria simplesmente dizer que, estando o destino da humanidade mais e mais nas suas mãos, o problema de saber por que continuar a aventura humana vai ser colocado mais nitidamente. Com base em que legitimar a existência do homem? Isso quer dizer bem concretamente: por que continuar a ter filhos, quer dizer, a chamar a existência, sem evidentemente poder perguntar-lhes a sua opinião, se não podemos garantir a esses seres que serão felizes? Que se continue a gerar filhos como sempre se fez ou que sejam fabricados graças a alguma máquina aperfeiçoada, o problema é o mesmo.

Para que o ser tenha o direito de reproduzir-se, é necessário que seja de uma bondade intrínseca, tão imensa que ele valha infinitamente mais do que o nada. A bíblia, e depois dela o cristianismo, confessam que o mundo é, apesar de todas as aparências, bom, porque é a criação de um Deus generoso. O cristianismo tem como primeiro papel afirmar que a vida presente é boa porque ela desemboca na vida eterna.

IHU On-Line - Como fica a ética num mundo pós-humano? É possível ainda pensar numa ética nesse contexto?

Remi Brague - A ética define o campo intermediário entre a razão teórica (digamos para simplificar: a faculdade que é capaz da matemática) e tudo o que diz respeito à nossa animalidade. É por esse campo

intermediário que a razão pode influenciar nossa ação e não deixá-la à mercê dos instintos, dos desejos, das paixões. Se ele desaparecer, obteríamos o que C. S. Lewis chamava a “abolição do homem”: ficaríamos, de um lado, os anjos ou os computadores, do outro lado, os animais. Se um tal mundo fosse possível, a ética não poderia simplesmente existir, já que, no mundo subumano, existem pedras, plantas e animais. Um mundo pós-humano seria um mundo pós-ético.

IHU On-Line - A pós-modernidade seria uma exacerbação existencialista, falando do pressuposto da existência antes da essência?

Remi Brague - Melhor seria esquecer de uma vez esse slogan de Sartre, “a existência precede a essência”, que não é apenas mais do que um contra-senso sobre Heidegger. Parece-me em todo o caso que a genealogia da pós-modernidade é mais complexa.

IHU On-Line - De que maneira a liberdade e o determinismo podem ser relidos a partir do pós-humano ?

Remi Brague - Eles se conjugam de uma maneira perversa. O pós-humano poderia significar que o homem hoje é totalmente “livre”, mas que ele é livre de “determinar” como ele quiser as gerações futuras. Elas viveriam, então, numa total ausência de liberdade e não seriam mais do que a realização de um plano ou de um projeto exterior a elas. O mais horrível é que a liberdade dos planejadores não seria, segundo a concepção tradicional de liberdade, o poder de escolher o bem. Essa liberdade que alcança a sua pureza máxima na ética. Mas a “liberdade” dos planejadores seria pura vontade de poder, pura embriaguez de criar sem medidas. Desejaríamos nós ser o produto desse tipo de coisas? Isso seria realizar o pesadelo dos gnósticos dos primeiros séculos da era cristã: serem as criaturas prisioneiras de um operário cruel.

A tarefa essencial hoje é aprender a ver o valor humano universal

ENTREVISTA COM ROBERTO MANCINI

O filósofo italiano Roberto Mancini é pesquisador de filosofia teórica e professor de hermenêutica filosófica no Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Macerata, na Itália. Publicou diversos livros e ensaios de ética e de filosofia da linguagem. Entre seus livros traduzidos ao português citamos Existência e gratuidade (1998) e Éticas da mundialidade (1999), publicados pela Editora Paulinas, de São Paulo. Em entrevista exclusiva, concedida por e-mail para a revista IHU On-Line, ele fala que a visão dominante hoje é a de uma antropologia extremamente limitativa, que considera o ser humano como recurso (instrumento útil para produzir lucro) ou como excedente, (um ser supérfluo e inútil). Confira:

IHU On-Line - Quais são as diversas concepções de ser humano?

Roberto Mancini - Através do tempo e das culturas, surgiram diversas concepções do ser humano: desde aquelas que vêem o seu valor somente em casos privilegiados, até as universais centradas na dignidade de todos, desde perspectivas coletivistas a impositões individualistas, desde pontos de vista que fazem dele parte de um todo (o mundo, a vida, a natureza, o divino) até pontos de vista que evidenciam a sua transcendência e unicidade. Hoje, a visão dominante, com a globalização, é o de uma antropologia extremamente limitativa, que considera o ser humano como recurso (instrumento útil para produzir lucro) ou como excedente, (um ser supérfluo e inútil). Logo, pode-se dizer que haja dificuldade em reconhecer o real valor e a grandeza da identidade humana; este escasso discernimento, como consequência, leva a violar de mil maneiras os direitos humanos e a não dar atenção aos deveres humanos.

IHU On-Line - Quais são as atuais antinomias da antropologia e da teologia?

Roberto Mancini - As atuais antinomias da antropologia e da teologia não levam a uma contraposição entre elas, mas a uma falsificação de ambas. A identidade humana distorcida na figura do *Homo economicus* se contrapõe uma distorção não menos grave, aquela de uma identidade divina, concebida como exclusivamente típica de uma tradição étnica, e como expressão de um poder pronto a exigir o domínio, a colonização, a guerra contra todos aqueles que são julgados "inimigos" ou "infiéis". Nem o ser humano nem Deus vivo são assim; somente uma busca do rosto humano e misericordioso de Deus, que, ao mesmo tempo, ouça o surgir da identidade humana no trabalhoso caminho do aprender a amar, poderá abrir com fidelidade o horizonte de uma compreensão razoável da realidade, logo, não só da humanidade e de Deus, mas também da vida do mundo. A verdadeira laicidade, como comum característica de todos no gênero humano e no ser criado, é o espaço hermenêutico em que uma tal procura é possível.

IHU On-Line - Como podemos caracterizar o sujeito pós-humano? Quais são os nossos maiores desafios?

Roberto Mancini - A categoria do sujeito pós-humano surge como redefinição da nossa identidade com base na engenharia genética e nas possibilidades abertas pela tecnologia contemporânea. O pós-humano desponta como o espaço de construção de identidades funcionais, múltiplas, tecnológicas, mas substancialmente sem alma e sem autêntica humanidade. Devemos lembrar também que toda a semântica do "pós" (pós-moderno, pós-colonial, pós-humano) evoca uma renovação que nunca o é na realidade, mas somente um consumir-se e repetir-se com outras roupagens das tendências que se declaram superadas. A verdadeira tarefa essencial hoje é aprender a ver o valor humano universal, rosto por rosto, história por história, vendo junto o valor da vida do mundo. De uma visão ampla e completa como esta pode resultar a ação da justiça restitutiva que é o único caminho para a salvaguarda do ser criado e para o futuro da própria humanidade.

IHU On-Line - O sujeito pós-humano é um sujeito auto-suficiente? Quais poderiam ser as conseqüências desta auto-suficiência?

Roberto Mancini - O sujeito pós-humano não é de maneira nenhuma auto-suficiente, porque cada construção tecnológica é fragilíssima e exposta à deterioração e contradições que, muitas vezes, mas nem sempre, fazem os efeitos da modernização darem um passo atrás e não um passo à frente no caminho da existência. Além disso, nenhuma realidade humana é efetivamente auto-suficiente, mas vive, respira e floresce somente em uma rede de relações positivas com o outro por si, e com os outros. Quanto mais se persegue a ilusão da auto-suficiência, mais as conseqüências são autodestrutivas para o ser humano. Isso é válido também com respeito à relação entre o ser humano e o possível

sentido da sua vida, o qual pede uma plena participação da pessoa e não o absurdo isolamento no falso caminho da auto-suficiência.

IHU On-Line - Quais são os caminhos que estamos seguindo para buscar novos modelos de existência?

Roberto Mancini - Fora do caminho economicista e tecnológico para renovar ilusoriamente a condição humana, o caminho mais fecundo e promissor me parece, ao invés, o da ampliação dos espaços da existência comunitária, no sentido de formas abertas de vida, em que cada um aprende a pensar segundo a relação, mais do que segundo si próprio, sentindo-se co-responsável pelo destino de todos. O diálogo intercultural, inter-religioso e interfilosófico tem a função de favorecer esta retomada da "antropologia" viva, compreendida não tanto como uma disciplina do saber, como o caminho histórico de emersão e de liberação da completa realidade humana na vida do mundo.

IHU On-Line - Quais são as conseqüências do pós-humanismo? Pode este levar a um redutivismo? Como podemos garantir que a humanidade não perca o *umanum* e a sua liberdade?

Roberto Mancini - Como os humanismos que conhecemos foram parciais e ambivalentes, o pós-humanismo não representa por si só um caminho mais confiável e liberalizante, pelas razões que acenei. Eventuais "garantias" de tutela do humano e da liberdade devem ser procuradas principalmente na disponibilidade para tomar conta dos efeitos do mal, para minimizá-los e superá-los, na ação daqueles que fazem parte das forças de cura da vida (educação, compaixão, misericórdia, responsabilidade generativa, perdão, esperança, inteligência, generosidade, coragem, integridade, brandura), na escolha de partilhar a vida com os últimos da sociedade, na praxe de restituição dos direitos humanos e de assunção em primeira pessoa dos deveres

humanos.

IHU On-Line - Qual será o espaço que outros animais terão no mundo pós-humano? O homem continuará a ser o centro das questões?

Roberto Mancini - Mais do que seguir em um movimento linear que se esforça por ir para adiante, mas permanecendo sempre no mesmo trilho - o da lógica do poder - a humanidade deve procurar a harmonização de todas as estruturas relacionais da vida. Logo, deve procurar também uma inédita aliança com o mundo

natural e com as outras criaturas vivas, reconhecendo os seus direitos e praticando a universalidade como hospitalidade, ou seja, como a verdadeira justiça social, econômica, política, ecológica. Mas para alcançar esta consciência ética, antropológica, cósmica e metafísica, é necessário aprender a ver, libertar o coração, a razão e a alma do delírio da onipotência, assim como da angústia da morte que o inspira. Sabemos, também, que esse despertar já começou e que quem quiser participar desse percurso de liberação não está sozinho.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Entrevistas da Semana

Nobel da Física 2006 auxilia a compreender a formação do Universo

ENTREVISTA COM MARIO NOVELLO

A descoberta dos astrofísicos americanos John C. Mather e George F. Smoot, premiados com o Nobel de Física 2006 “permite o desenvolvimento de nossa compreensão sobre os mecanismos de formação de estruturas no Universo, tais como galáxias e aglomerados de galáxias”, afirmou o físico Mario Novello, em entrevista por e-mail, concedida com exclusividade à IHU On-Line. Convidado a repercutir a importância do Prêmio Nobel de Física 2006, concedida à dupla de astrofísicos americanos em 03-10-2006 e publicada na página eletrônica do IHU, www.unisinos.br/ihu, Novello foi enfático: “A ciência não deve ter como pretensão a explicação de tudo, mas ela deve encaminhar-se para a tentativa de explicação de tudo que existe. Ou seja, sua atividade é humana e política”. Mather, 60 anos, doutor em Física pela Universidade da Califórnia em Berkeley, trabalha como astrofísico no centro da Nasa Goddard Space Flight, em Greenbelt (EUA). Smoot, 61 anos, doutor em Física por Cambridge (Massachusetts), trabalha como catedrático na Universidade de Berkeley.

Novello leciona no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), no Rio de Janeiro, onde é coordenador do Laboratório de Cosmologia e Física Experimental de Altas Energias. É graduado em Física pela UFRJ e pela UNB, mestre em Física pelo CBPF e doutor na mesma área pela Université de Genève (Suíça), pós-doutor pela University of Oxford (Inglaterra). É autor de inúmeros livros, dos quais destacamos Máquina do tempo - Um Olhar Científico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

IHU On-Line - Qual é a importância da descoberta dos físicos americanos ganhadores do Prêmio Nobel 2006? No que consiste exatamente a “descoberta da forma de corpo escuro da radiação de fundo”?

Mario Novello - Primeiro, eles comprovaram com uma enorme precisão, a descoberta feita anos antes da existência desta radiação cósmica que equivale a uma

enorme quantidade de fótons (os grãos de luz, de diferentes frequências) no Universo e que mostra inequivocamente que o Universo foi muito mais quente em seu passado. Ademais, ao descobrir pequenas anisotropias nesta radiação, ele permite o desenvolvimento de nossa compreensão sobre os mecanismos de formação de estruturas no Universo, tais

como galáxias (conjunto enorme de matéria, contendo centenas de bilhões de estrelas), aglomerados de galáxias etc. Sem a descoberta destas pequenas anisotropias, os cosmólogos não poderiam entender como o Universo evoluiu a partir de uma fase de alta dose de homogeneidade, para a atual, onde observamos galáxias, estrelas etc.

IHU On-Line - O que esse olhar para a “infância” do universo revela sobre o passado cósmico do nosso Planeta?

Mario Novello - A palavra “infância” está mal-aplicada, pois ela nos remete à idéia de que houve um momento de “nascimento ou criação do universo”, o que está além da teoria do Big Bang¹ e trata, na verdade, de uma ideologia que lhe está acoplada. Vou tratar disso na questão a seguir, com mais detalhes.

IHU On-Line - Em que medida a descoberta de Mather e Smoot auxilia a consolidar a Teoria do Big Bang?

Mario Novello - Antes de qualquer comentário, e considerando que ainda algumas pessoas confundem os dois conceitos, deixe-me repetir que há dois sentidos em que o termo Big Bang vem sendo aplicado. Em seu termo técnico, usado pelos cientistas, ele se refere à idéia que os cosmólogos elaboraram nos últimos 20 anos,

¹ **Big Bang:** A proposta do Big Bang, ou Grande Explosão, foi sugerida primeiramente pelo padre cosmólogo belga Georges-Henri Édouard Lemaître (1894-1966), quando expôs uma teoria, propondo que o universo teria tido um início repentino. A teoria do Big Bang não é um acontecimento igual a uma explosão da forma que conhecemos, embora o Universo observável com a ajuda das lentes dos modernos telescópios espaciais ainda descreva um resultado de explosão (uma fuga cósmica) não quer dizer que algo explodiu ou que uma explosão foi a causa dessa dilatação ainda observada. Dizem ainda que não faz nenhuma predição sobre a uniformidade do Universo logo após a explosão. Dessa forma, o que sabemos é que embora a Teoria do Big Bang seja a mais aceita hoje pelos cientistas, ela possui contradições que não podem explicar alguns pontos. (Nota da *IHU On-Line*)

afirmando que nosso Universo possui um processo de expansão, que sua temperatura está diminuindo com o passar do tempo (cósmico) e que, conseqüentemente, seu volume total (o que chamamos comumente de “espaço”) foi bastante menor no passado e que muito possivelmente, quando ele estava muito reduzido, a teoria clássica da gravitação que determina sua evolução deveria ser modificada. Há várias propostas desta modificação. Em outro sentido, popular --- embora alguns físicos sejam responsáveis por esta simplificação errônea e especulativa --- o Big Bang descreveria o momento de criação do universo. As observações de Mather e Smoot sustentam a teoria científica do Big Bang, e não a ideologia ingênua de identificação com o “mito científico de criação”.

IHU On-Line - O senhor acredita que a descoberta de Mather e Smoot ajuda o ser humano a compreender melhor o seu lugar dentro do Universo? Quais seriam as implicações existenciais e religiosas dessa descoberta?

Mario Novello - Devemos separar de sua pergunta o que poderíamos entender como “implicações existenciais” das que você chamou de “implicações religiosas”. A primeira está presente, em princípio, em toda a investigação sobre como funciona a natureza, pois toda atividade científica, deveria ser entendida como uma busca para o homem compreender-se melhor, entender sua situação no universo. No caso da Cosmologia², essa função deveria estar explicitada a cada momento. Infelizmente, por várias razões de caráter não-científico, de natureza político-social, não é isso que ocorre. Quanto à segunda, eu lembro que já há vários

² **Cosmologia:** ramo da astronomia que estuda a origem, estrutura e evolução do Universo a partir da aplicação de métodos científicos. Sobre cosmologia, confira a entrevista concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da *IHU On-Line*, de 04-09-2006, intitulada *As implicações éticas da cosmologia de Platão*. (Nota *IHU On-Line*)

séculos, a humanidade conseguiu entender (embora não ainda na sua prática cotidiana) que ciência e religião são duas atividades importantes do homem, mas totalmente separadas.

IHU On-Line - A Teoria do Big Bang possui alguma aproximação com a arkhé aristotélica (a causa incausada), ou com a causa sui dos neoplatônicos (a causa como causa de si mesma)?

Mario Novello - Veja, sua pergunta mostra como as pessoas, mesmo aquelas com acesso enorme às informações, não estão isentas de ideologia, quando esta vem sob uma roupagem “quase-científica”. A teoria do Big Bang não produz uma teoria-do-começo-do-universo ou, pelo menos, não tem o direito de fazê-lo, pois ela esbarra numa “singularidade inicial” à qual a física não teria acesso. Conseqüentemente, ela deveria afirmar sua impossibilidade formal de comentar sobre o que teria acontecido naquele ponto de condensação infinita, onde todas as quantidades físicas teriam assumido o valor infinito e, conseqüentemente, estariam fora de uma

explicação racional. Por sua vez, e sem que se desvie da produção de uma imagem do Universo como um processo dinâmico e que estabelece que o volume total do universo foi extremamente pequeno (mas não zero!) no passado, vários cientistas de diferentes centros de pesquisa no Brasil, na Rússia, na França e em outros países, elaboraram várias propostas de explicação sobre o que teria ocorrido antes do começo da fase expansionista atual do universo. Dentro deste quadro, sua questão, embora não resolvida, se transporta para a produção de duas outras, a saber: supondo que tenha havido uma fase colapsante anterior à atual fase em expansão do Universo, o que teria provocado este colapso? E por que teria ele parado e invertido sua direção, passando a expandir-se? É assim que o conhecimento científico deve preparar sua ação no mundo: como uma atividade contínua e inesgotável. A ciência não deve ter como pretensão a explicação de tudo, mas ela deve encaminhar-se para a tentativa de explicação de tudo que existe. Ou seja, sua atividade é humana e política.

“A bacia do Rio dos Sinos opera há muito tempo no limite do que é possível”

ENTREVISTA COM UWE SCHULZ

O professor da Unisinos Uwe Horst Schulz analisa em entrevista exclusiva à IHU On-Line, originalmente concedida por telefone e publicada na página www.unisinos.br/ihu, a morte de mais de 68 toneladas de peixes no Rio dos Sinos na semana passada. “Para evitar esses desastres no futuro todos os envolvidos têm de conversar e trabalhar num plano de emergência. Numa situação dessas, tem de ser claro para todos o que se deve fazer”.

O biólogo Schulz é vinculado ao Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos (Comitesinos). Ele possui graduação e doutorado em Biologia - Universität Bielefeld em 1995, e pós-doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996). Atualmente é professor adjunto da Unisinos. Tem experiência na área de ecologia, com ênfase em Ecologia de Ecossistemas, atuando principalmente nos seguintes temas: salmão, truta, reprodução, migração. Trabalhou nas áreas de impacto ambiental, educação ambiental, migração, radiotelemetria, uso de habitat, gerenciamento da pesca: comportamento, monitoramento, gerenciamento e crescimento.

IHU On-Line - O que pode ter provocado esta mortandade de peixes?

Uwe Schulz - A bacia do Rio dos Sinos opera há muito tempo no limite do que é possível. Observamos durante muitos anos uma situação de poluição crônica que sempre se agrava e ocorre todos os anos, provocando a mortandade de peixes. Existem situações em que essas mortandades são previsíveis. Por exemplo, quando o nível do rio está baixo e acontece uma forte chuva, desce uma onda de água. Essa onda que desce está mexendo com o fundo do rio e coloca em suspensão essas substâncias depositadas. Nessas ocasiões, o oxigênio da água chega a valores em volta de zero. Dessa forma, ocorre uma mortandade. Acima disso, existem empresas que se aproveitam dessa situação e quando chove forte, eles largam substâncias acumuladas nos tanques deles abrindo as comportas. Esse é um fato comprovado pelas

companhias de abastecimento de água. Esse problema que aconteceu agora foi mais grave do que as mortandades normais. Na sexta-feira à noite, dia 6 de outubro, houve previsão de chuva que não ocorreu na quantidade prevista. Se alguma empresa largou substâncias tóxicas no Rio dos Sinos, não houve um efeito de diluição. Essas substâncias chegaram ao rio e podem ter provocado essa mortandade observada.

IHU On-Line – É possível determinar que tipo de poluente pode ter causado a mortalidade ou que empresa teria sido a causadora do desastre?

Uwe Schulz - Não, não existe a suspeita. A própria Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam) autuou três empresas até agora. Eu vejo isso, não em relação à mortandade de peixes. A Fepam começou a

investigar todas as empresas na bacia do Rio Portão e encontrou várias irregularidades, mas, não necessariamente ligadas à mortandade de peixes.

IHU On-Line – O que representa a mortandade de 1 milhão de peixes mortos no universo da bacia do Vale do Sinos?

Uwe Schulz - Isso é um pouco complicado porque este valor é um número “chutado”. Na verdade, não se sabe de alguém que tenha estimado o número de peixes com mais exatidão. O que se deveria fazer era pegar uma amostra de 200 a 400 quilos e contar tudo. Tudo que temos é estimado. Entretanto, é claro que a quantidade que morreu é muito grande e provavelmente esse trecho do rio vai demorar de um a quatro anos para se recuperar.

IHU On-Line – Qual o risco de contaminação da água pela decomposição dos peixes?

Uwe Schulz - A decomposição de peixes pode nessa quantidade causar problemas, sim. Essa é a razão por que a Fepam e outras entidades envolvidas estão retirando a maior parte desses peixes do rio. O que preocupa são as substâncias que descem o Rio dos Sinos e que poderiam entrar nas tubulações das companhias de abastecimento público.

Com esse desastre, a única coisa positiva que poderia acontecer é a aprendizagem com o que ocorreu. Nós temos que trabalhar primeiro com a tentativa de reverter a situação crônica de poluição. Isso já está sendo trabalhado no Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos (Comitesinos), e na própria Unisinos com vários projetos que as Unidades das Ciências da Saúde e das Ciências Exatas estão desenvolvendo, mas nós temos que trabalhar com a situação aguda também. Parece que a Fepam chegou 30 horas depois do acidente. Não ficou claro se a maneira como ela foi acionada foi adequada ou se a própria

reação da Fepam foi dentro do que se espera. Tem que haver um plano de alerta das companhias de abastecimento para ter certeza se as pessoas não vão ser intoxicadas com estas substâncias que podem descer no Rio dos Sinos.

IHU On-Line – Quais as principais espécies de peixe que morreram?

Uwe Schulz - Eu tenho mais a informação divulgada na imprensa. Eram peixes de pequeno e médio porte como lambari e biru. E peixes migradores como dourado e grumatã.

IHU On-Line – O que a sociedade pode fazer numa situação dessas?

Uwe Schulz - A sociedade tem que fazer duas coisas: ela tem que evitar esse tipo de acidente. É claro que as empresas que atuam no Rio dos Sinos fazem parte da nossa sociedade. Todos precisam de emprego e utilizam os produtos feitos aqui. Então, nós temos que exigir mais responsabilidade da parte das indústrias. Nós temos que pedir também mais responsabilidade da parte dos nossos municípios. O próprio cidadão pode intervir nisso diretamente através do seu voto. Poucos prefeitos têm uma agenda ambiental, poucos prefeitos colocam estações de tratamento de esgoto como prioridade na sua política. O cidadão tem que pedir isso para diminuir a situação de poluição crônica que o Rio dos Sinos está sofrendo. Tem que haver mais investimentos na parte de esgotos. Hoje, essa poluição crônica com esgoto é o vilão da nossa bacia.

IHU On-Line – O episódio pode prejudicar de forma definitiva a fauna do Rio dos Sinos e afluentes?

Uwe Schulz - Nós temos que ver esse acontecimento no contexto ecológico. Se somarmos vários eventos desse tipo, a fauna pode sofrer por um período muito longo. Por sua vez, a nossa fauna tem uma capacidade muito

grande de recuperação. Ela deve, porém, ter a oportunidade de fazer isso. Vai ser preciso um determinado tempo sem eventos negativos.

IHU On-Line – E quem vive da pesca na região, como vai ficar?

Uwe Schulz - Essa é uma questão delicada. A minha hipótese é que não existem pescadores profissionais trabalhando no próprio Rio dos Sinos. Existem pescadores de subsistência que de vez em quando pescam para alimentar a própria família. Há alguns que vendem também, mas essa venda não é legal. Essa pesca de subsistência é um grande problema para o Rio dos Sinos porque ela não é executada conforme os padrões legais. O cadastramento de 400 famílias para ganhar cestas básicas do Ministério da Pesca mostra claramente que

essas pessoas não tinham cadastro no Ibama. Isso é necessário para um pescador profissional.

IHU On-Line – Mais alguma questão que o senhor queira falar sobre esse desastre?

Uwe Schulz - Sim. O que nós estamos precisando é de um diálogo de todas as partes envolvidas. O local desse diálogo é o Comitesinos. Ele funciona como um parlamento de águas onde todas as categorias do Vale do Rio dos Sinos estão representadas. Lá estão as indústrias, os municípios, as instituições de ensino superior. Para evitar esses desastres no futuro todos os envolvidos precisam dialogar e trabalhar num plano de emergência. Numa situação dessas, deve ficar claro para todos como é preciso agir.

Teologia Pública

O pluralismo é um presente de Deus para a humanidade

ENTREVISTA COM MICHAEL AMALADOSS

Michael Amaladoss, jesuíta indiano, é diretor do Instituto para o Diálogo com Culturas e Religiões, em Chennai, na Índia. É doutor em Teologia Sistemática pelo Institut Catholique de Paris, na França, além de professor de Teologia no Vidyajyoti College of Theology, em Nova Déli, na Índia. Autor de diversos livros e artigos sobre espiritualidade e diálogo inter-religioso, entre os quais citamos os mais recentes. Making Harmony. Living in a Pluralist World. Delhi: ISPCK, 2003, que acaba de ser traduzido e publicado pela Editora Unisinos na Coleção Theologia Publica sob o título Promover harmonia: vivendo em um mundo pluralista. São Leopoldo: UNISINOS, 2006 e The Dancing Cosmos. A Way to Harmony. Delhi: ISPCK, 2003. Amaladoss esteve na Unisinos, proferindo a conferência A teologia das religiões e a teologia na universidade no Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI, organizado pelo IHU em maio de 2004 e publicada no livro NEUTZLING, Inácio (org.), A teologia na universidade contemporânea. São Leopoldo: Editora Unisinos. 2005. p. 117-39 e do Caderno Teologia Pública n. 10, sob o título O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso.

Confira, a seguir, a entrevista que ele concedeu, por e-mail, para a revista IHU On-Line, na última semana, na qual fala sobre a inter-religiosidade e o pluralismo religioso contemporâneo.

IHU On-Line - Quais as questões mais difíceis a serem enfrentadas hoje na busca de uma convivência inter-religiosa?

Michael Amaladoss - O fundamentalismo religioso, o uso político da religião e a violência em nome da religião (terrorismo).

IHU On-Line - Como se situam as religiões em meio à realidade da violência e dos esforços pela paz no mundo de hoje?

Michael Amaladoss - Os grupos violentos entre povos religiosos são minorias. A violência é frequentemente

produto de circunstâncias econômicas e políticas. O problema é que, embora todas as religiões falem sobre a paz, elas também justificam a violência, naturalmente, para uma causa justa. Depende, então, quem decide o que é justo ou não. Embora Buda, Jesus e, mais recentemente, Gandhi¹, falaram sobre a não-violência, sua prática não é levada a sério.

¹ Mahatma Gandhi (1869-1948): líder pacifista indiano. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - O que se faz necessário para forjar um contexto sociocultural favorável para a convivência harmônica entre as diferenças culturais e religiosas?

Michael Amaladoss - Antes de tudo, nós necessitamos uma sociedade que tenha justiça, distribuição econômica, igualdade e democracia política. Seria, então, mais fácil "não usar" a religião para objetivos econômicos e políticos. Então, as religiões e as culturas têm que reconhecer, respeitar e reconhecer-se como presentes de Deus para seu povo.

IHU On-Line - Como as religiões e a teologia podem contribuir para a formulação de princípios éticos capazes de gerar o respeito às diferenças e favorecer uma cultura de paz?

Michael Amaladoss - Deus é livre para criar coisas diferentes. Deus é também livre para Se manifestar aos diferentes povos de maneiras diferentes. O pluralismo é um presente de Deus para a humanidade. Mas, ao mesmo tempo, o destino que Deus guarda é o mesmo para todos: uma comunidade de liberdade, de companheirismo e de justiça, chamada Reino de Deus. As diferentes religiões podem convergir para os valores humanos e espirituais comuns, partindo de suas próprias premissas. Com o diálogo e a discussão, elas devem chegar em um consenso, que possa ser a fundação de suas vida e ações comuns.

IHU On-Line - Passando além dos problemas do absolutismo e do relativismo, como podemos articular a questão da verdade de modo a favorecer um reconhecimento positivo das diferentes identidades religiosas?

Michael Amaladoss - Mas as manifestações de Deus são sempre relativas conforme as circunstâncias históricas e culturais. Isso não é relativismo, no sentido de que os

povos decidem o que é verdadeiro. As pessoas, por causa da sua personalidade, história e condições culturais, podem ter somente uma compreensão relativa da verdade absoluta que é Deus. Isso torna possível percepções plurais de Deus em religiões diferentes. Além disso, Deus é também livre para Se manifestar para o povo em maneiras diferentes, de acordo com suas culturas, situações, etc. Os povos são também livres para responder a Deus de maneiras diferentes. O respeito à liberdade de Deus e à liberdade dos povos fornece-nos uma chave para discernir claramente entre o absolutismo e o relativismo.

IHU On-Line - Do ponto de vista da teologia e das religiões, como podemos explicar o pluralismo religioso?

Michael Amaladoss - O que eu disse acima é o suficiente para explicar o pluralismo religioso. Uma determinada religião - como o cristianismo - pode reivindicar uma revelação especial, dada através do Verbo encarnado. Pode até mesmo dizer que é a melhor revelação, a mais completa etc. Mas nunca pode dizer que é exclusiva, já que Deus falou também aos povos de outras maneiras. Estes não podem ser julgados de uma maneira a priori. Assim nós temos que dialogar com eles, discernir e coordenar as diferenças.

IHU On-Line - O que o senhor gostaria de acrescentar sobre o pluralismo cultural e religioso?

Michael Amaladoss - Nós devemos ter uma fé forte de que há somente Deus, que é o pai e a mãe de todos os seres humanos. Esse Deus quer salvar todos, não tem nenhuma parcialidade. Devemos ter fé de que, se nós tivermos uma experiência especial de Deus, ela não será para o nosso sentimento exclusivo e superior, mas para estarmos a serviço dos outros.

Memória

Fernando Gasparian. O homem que disse não ao não

POR TOM CARDOSO

Celebrando a memória de Fernando Gasparian reproduzimos o artigo de Tom Cardoso, publicado no jornal Valor, 13-10-2006. O empresário e editor Fernando Gasparian, que morreu no sábado, dia 7-10-2006, aos 76 anos, vítima de infecção generalizada, nunca foi um homem de esquerda - estava mais próximo do pensamento liberal americano -, mas era admirado por socialistas e odiado pela direita. Em março de 1964, enquanto boa parte da elite brasileira apoiava o golpe militar, Gasparian voltou-se radicalmente contra o regime. Com dificuldades financeiras no governo Médici - que cortou as linhas de créditos do Banco do Brasil, principal financiador de sua empresa têxtil, a América Fabril - o empresário exilou-se na Inglaterra, em 1969. Mas não se acovardou. Voltou ao país três anos depois, em pleno AI-5, para fundar o "Opinião", o incendiário jornal de resistência à ditadura.

Gasparian tornou-se *persona non grata* no meio empresarial, que, encantado com o milagre econômico, não entendia como um industrial podia pôr suas empresas em risco para se meter com "subversivos". E que turma de subversivos: Celso Furtado¹, Antonio Candido², Fernando Henrique Cardoso, Paulo Emílio Salles Gomes³, Barbosa Lima Sobrinho, Alceu Amoroso

¹ Celso Furtado (1920-2004): economista brasileiro, membro do corpo permanente de economistas da ONU. Foi diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste e membro da Academia Brasileira de Letras. Algumas de suas obras são A economia brasileira (1954) e Formação econômica do Brasil (1959), apresentado pelo Prof. Dr. André Moreira Cunha (UFRGS) em 11 de setembro de 2003 no evento Ciclo de Estudos sobre o Brasil. A editoria Entrevista da Semana da revista IHU On-Line edição 155^a, de 12 de setembro de 2005 repercutiu a criação do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, na Finlândia, com entrevistas a diversos especialistas. (Nota da *IHU On-Line*)

² Antônio Cândido de Mello e Souza (1918): escritor, ensaísta e professor universitário, é um dos principais críticos literários brasileiros. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Paulo Emílio Salles Gomes (1916-1977): historiador e crítico de cinema brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

Lima⁴, Ênio Silveira⁵. Todos seus amigos e colaboradores. Proximidade que levou o economista Roberto Campos⁶, seu desafeto ideológico, a defini-lo como "um socialista de salão e um capitalista de balcão".

Nem socialista nem capitalista. Nacionalista. Seu livro de cabeceira era "Japão: o Capital se Faz em Casa", escrito em 1973 por Barbosa Lima Sobrinho⁷, sobre a importância de se promover o desenvolvimento com o capital nacional. Foi justamente o desencanto com a

⁴ Alceu Amoroso Lima (1893-1983): crítico literário, professor, pensador, escritor e líder católico brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ Ênio Silveira (1925-1996): editor brasileiro e militante do Partido Comunista Brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶ Roberto Campos (1917-2001): economista, diplomata e político brasileiro. Ocupou os cargos de deputado federal, senador e ministro do Planejamento de Castelo Branco. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho (1897-2000): advogado, jornalista, ensaísta, historiador, professor e político brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

política econômica do ministro Delfim Netto¹ que o trouxe de volta ao Brasil, em 1972, além, claro, da perseguição e tortura a amigos, como o deputado Rubens Paiva², desaparecido nas mãos do regime. Lançar um jornal de oposição em plena vigência do AI-5³ foi considerado suicídio político por alguns amigos, mas Gasparian bateu o pé. Convocou jovens jornalistas e formou um conselho editorial imbatível, formado pela nata intelectual do país.

No exterior, Gasparian fez acordos editoriais com jornais progressistas da época, como *Le Monde*, *The Guardian* e *Financial Times*, num claro objetivo de blindar o *Opinião* contra eventuais ataques do regime militar. A presença de um conselho editorial respeitável também contribuiu para fortalecer politicamente o jornal.

"Barbosa Lima Sobrinho, Alceu Amoroso Lima eram nomes que estavam acima do chicote dos militares. De certa forma, nos davam retaguarda, junto com o Gasparian, que sempre segurou a barra com muita coragem", afirma Raymundo Pereira, editor-chefe do *Opinião*, que trabalhava com Elifas Andreato⁴, Tárík de

¹ Antônio Delfim Netto (1928): economista e político brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

² Rubens Beirodt Paiva (1929-?): engenheiro e político brasileiro, desaparecido desde 1971, perseguido pelo regime militar. (Nota da *IHU On-Line*)

³ AI-5 (Ato Institucional Número Cinco): decretado pelo Presidente Arthur da Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968, foi um instrumento de poder que deu ao regime poderes absolutos e cuja primeira e maior consequência foi o fechamento por quase um ano do Congresso Nacional. Representou o ápice da radicalização do Regime Militar de 1964 e inaugurou o período do regime onde as liberdades individuais foram mais restringidas e desrespeitadas no Brasil. É o movimento final de "legalização" da arbitrariedade que pavimentou uma escalada de torturas e assassinatos contra opositores reais e imaginários ao regime. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Elifas Andreato: artista gráfico brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

Souza⁵, Tonico Ferreira, Cássio Loredano⁶, Luis Trimano⁷, Chico Caruso⁸ e outras feras.

Nem a presença diária de um censor na redação foi capaz de apagar o ímpeto contestatório do *Opinião*. Irritado com as provocações à ditadura, um agente do Dops chegou a intimidar Gasparian dentro da gráfica do jornal: "Não tenho medo de cardeal, nem de *Le Monde*, nem de deputado. Se o senhor continuar desse jeito, vou dar um tiro na sua cara", ameaçou o censor. Gasparian deu de ombros. No dia seguinte, uma charge de página inteira, desenhada pelo argentino Luis Trimano, mostrava miseráveis subindo pelo corpo do ministro Delfim Netto, como formigas. Era a resposta à tentativa de intimidação do censor.

O artista gráfico Elifas Andreato, diretor de arte do *Opinião*, diz que, apesar das diferenças ideológicas entre o patrão e os jornalistas, o entrosamento era perfeito. "Gasparian não era de esquerda. Achava que a solução passava pela economia de mercado, enquanto a maioria da redação era afinada com os socialistas. Mas jamais censurou qualquer artigo. Ao contrário, incentivava o debate, a polêmica. Era apaixonado pelo Brasil, achava que o país merecia ser grande, não se conformava com o falso nacionalismo dos militares."

Apesar da tensão, da luta diária para driblar a censura, da falta de anunciantes, havia momentos de descontração na redação do *Opinião*. Andreato lembra que os jornalistas criaram uma escola de samba imaginária, chamada Unidos de Oslo. Uma noite, depois do fechamento da edição, a farra se estendeu até de madrugada. A "ala de frente" da Unidos só não esperava a

⁵ Tárík de Souza (1946): jornalista, crítico musical e poeta brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶ Cássio Loredano (1948): jornalista e um dos caricaturistas mais importantes do Brasil. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ Luis Trimano: cartunista argentino, radicado no Brasil desde 1968. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ Francisco Caruso (1949): cartunista, chargista, caricaturista brasileiro conhecido como Chico Caruso. É também músico e humorista brasileiro, trabalhando atualmente no jornal O Globo. É irmã de Paulo Caruso, também cartunista.

visita inesperada do chefe, acompanhado do conselho editorial.

"O Gasparian chegou com Celso Furtado, Barbosa Lima Sobrinho e toda aquela gente refinada e seríssima. A redação estava transformada num salão de carnaval. Todo mundo bêbado, dançando. Raymundo Pereira, o editor, que deveria dar o exemplo, estava deitado no sofá da sala do Gasparian, com uma lauda de jornal sobre o rosto, para não ser incomodado. Nem sei como o jornal não acabou naquele dia", afirma Andreato.

O jornal acabou anos depois, em 1977. Pouco antes, em 1973, Gasparian comprou a Paz e Terra do amigo Ênio Silveira e fez da editora uma referência no meio acadêmico, dando espaço a personalidades perseguidas pelo regime, com o educador Paulo Freire¹, que publicou por lá o polêmico "Pedagogia do Oprimido". Pela editora, lançou a revista *Argumento*, nos moldes do *Opinião*, com Barbosa Lima Sobrinho no cargo de diretor-responsável. A censura, porém, logo implicou com o slogan bolado por

¹ Paulo Freire (1921-1997): educador brasileiro. Destacou-se por seu trabalho na área da educação popular, voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica. Sobre ele, confira uma biografia recém-lançada por sua esposa, Ana Maria Freire, intitulada Paulo Freire, uma história de vida. Villa das Letras, 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

Gasparian: "Contra fatos, há Argumento". E fechou a revista no quarto número.

"É uma pena que na elite brasileira existam poucas figuras como Gasparian. Ele abriu mão do seu patrimônio, do lucro fácil, para lutar por um país melhor. Foi um dos únicos empresários confrontados em 1964, enquanto muitos que hoje se dizem democratas apoiaram covardemente o golpe", afirma Pereira. Impedido de tocar suas publicações, decidiu criar em 1977, em São Paulo, a Livraria Argumento, no ano seguinte transferida para o Rio, onde funciona até hoje, no Leblon.

Com a redemocratização do país, Gasparian voltou à militância política, elegendo-se deputado federal pelo PMDB, em 1988. Como parlamentar, criou a emenda constitucional que limitava os juros a 12% ao ano e foi um feroz opositor da política monetária baseada em juros altos do amigo Fernando Henrique Cardoso, que depois seria mantida pelo governo Lula. "Ele não se conformava com o lucro extraordinário dos banqueiros. Era um apaixonado pelo Brasil, pelo progresso. Sempre que lia notícias sobre o pouco crescimento do PIB, punha-se a esbravejar no sofá de casa: 'Picaretas, canalhas, vagabundos!'", conta seu filho, Marcus Gasparian.

Destaques On-Line

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS PRODUZIDAS PELO SITIO DO IHU

Essa editoria veicula entrevistas exclusivas publicadas no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), durante a última semana. Aqui, apresentamos a lista completa de todas, que podem ser conferidas, na íntegra, nas Notícias Diárias do sítio, na data correspondente.

Título: A retomada das eleições no Rio Grande do Sul

Entrevistado: Francisco Ferraz

Entrevista: Francisco Ferraz, professor de Ciência Política na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, concedeu entrevista exclusiva à *IHU On-Line* onde falou sobre a primeira pesquisa para governador no segundo turno gaúcho, desgaste do PT, disputa presidencial e o discurso da novidade e a mudança feita pela candidata do PSDB, Yeda Crusius. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 10-10-2006.

Título: "Alckmin não tem carisma"

Entrevistado: Dalmo de Abreu Dallari

Entrevista: O carisma de Alckmin foi colocado em cheque pelo advogado e professor titular aposentado da Faculdade de Direito da USP, Dalmo de Abreu Dallari. No dia 11-10-2006, podemos conferir uma entrevista exclusiva feita pela *IHU On-Line*.

Título: "A esquerda terá que passar por uma reciclagem"

Entrevistado: Cícero Romão

Entrevista: "É muito mais interessante para o público em geral ter dois candidatos em campos bem definidos, ainda que, no atacado, seus programas sejam muito semelhantes". A afirmação é do professor **Cícero Romão Resende de Araújo**, em entrevista exclusiva à *IHU On-Line*. Confira no dia 13-10-2006.

Frases da Semana

Clodovil, deputado federal!

“Diz que o Clodovil vai renovar os programas sociais. Vai trocar o Bolsa Família pelo Pochete Família” - **José Simão**, humorista - **Folha de S. Paulo**, 10-10-2006.

“Sou feito cachorro. É só passar a mão que eu abano o rabo” - **Clodovil**, deputado federal eleito - **Valor**, 11-10-2006.

Rio dos Sinos

“Agora não tenho mais nada para comer a não ser arroz e feijão. Quero ver como vão punir os responsáveis por essa mortandade” - **Zeli Coimbra**, ribeirinho do Rio dos Sinos, onde 1 milhão de peixes morreram intoxicados - **Zero Hora**, 10-10-2006.

“Em 40 anos, eu nunca vi algo assim. É assustador” - **Henrique Prieto**, presidente do Instituto Martim Pescador - **Zero Hora**, 10-10-2006.

Alckmin

“Caboclo Heloísa Helena pode ter baixado em Geraldo Alckmin. A questão está sendo discutida no conselho de ética do PSOL” - **Tutty Vasquez**, humorista - **nomínimo**, 10-10-2006.

Lula

“Lula foi longe demais para satisfazer as necessidades dos investidores estrangeiros e para construir uma credibilidade junto aos mercados financeiros” - **Noam Chomsky**, lingüista - **O Globo**, 15-10-2006.

“Há quatro anos votei em Lula. Não me arrependo. Votei de coração e não me arrependo um segundo, apesar dessa terrível confusão do partido com Governo e Governo com Estado” - **Caetano Veloso**, compositor - **El País**, 14-10-2006.

PT-PSDB

“O crescimento da renda per capita do Brasil no século 21 foi de indigente 0,8% na média anual. O século 21 dividiu-se igualmente entre os irmãos-inimigos PT e PSDB. Se ambos festejam a indigência, seria melhor mesmo que ninguém se elegeisse. O país talvez caminhasse com mais garbo” - **Clovis Rossi**, jornalista - **Folha de S. Paulo**, 11-10-2006.

Estilo paulista no PT

“O PT virou um partido nacional. Não pode ficar preso a um centro de gravidade que transforma disputas paroquiais em crises nacionais. Esse estilo paulista de conduzir o PT fracassou. Não é caça às bruxas, mas é preciso que o PT comece a ouvir o PT que está dando certo. Todo o processo de organização interna tem que ser revisto. Não me peça fórmula mágica. Mas é preciso rediscutir a convivência interna. Chega de guerra civil no PT” - **Marcelo Déda**, governador eleito de Sergipe - **PT - Folha de S. Paulo**, 15-10-2006.

Mau exemplo

“O bom de estar em Santa Cruz é que aqui a gente pode fumar à vontade, né?! Eu estou gerando emprego, hein, gente?!”
- **Manuela D’Ávila**, deputada federal eleita - PCdoB -RS - **Zero Hora**, 16-10-2006.

Clima

“O aquecimento global é o único que ameaça acabar com a civilização humana. A menos que se resolva isso, se tornará impossível solucionar outros problemas. E quando passarmos a tratar a questão ambiental corretamente, ela se tornará uma das melhores formas de aliviar a pobre” - **Al Gore**, **Estado de S. Paulo**, 15-10-2006.

“Eu não creio mais no futuro da humanidade como espécie. As evidências estão começando a se acumular. Furacão no Brasil, ciclone, esse tempo que está fazendo, o derretimento das calotas polares. A humanidade é uma espécie estúpida que se mata desde as cavernas. Só que, agora, com técnicas mais eficientes. Não acredito na sobrevivência da humanidade, por consequência, não acredito na sobrevivência do Brasil” - **João Ubaldo Ribeiro**, escritor, membro da Academia Brasileira de Letras - **Istoé**, 18-10-2006.

Apartheid financeiro

“Os bancos exercem um apartheid financeiro escandaloso. Dizem que dois terços da população mundial não tem direito de usar os seus serviços. Que eles não são solventes. Definem as regras e os nós as aceitamos porque são poderosos” - **Mohamad Yunus**, economista - Prêmio Nobel da Paz - **El País**, 14-10-2006.

“Os bancos dizem que os pobres não têm avalistas por isso não podem fazer negócios com eles. Quem disse que é preciso um avalista? Não! Essa foi minha primeira luta: eliminar a necessidade de avalistas e demonstrar que podemos seguir considerando-o um negócio bancário” - **Mohamad Yunus**, economista - Prêmio Nobel da Paz - **El País**, 14-10-2006.

EUA ameaça a paz

“Existem pesquisas feitas pelas mais prestigiadas empresas de pesquisa de opinião. Segundo eles, mesmo na Europa, onde existe um certo apoio aos EUA, o país é ranqueado como a maior ameaça à paz, é considerado muito mais ameaçador do que a Coreia do Norte e Irã. É considerado uma ameaça maior também do que a China e a Rússia” - **Noam Chomsky**, lingüista - **O Globo**, 15-10-2006.

“Donde nasce o terrorismo? De um forte sentido da injustiça. Pode ser uma injustiça religiosa, política, econômica ou imaginária. Não importa. Para mim ela é real, diz o terrorista” - **Mohamad Yunus**, economista - Prêmio Nobel da Paz - **El País**, 14-10-2006.

“Bush escolheu uma resposta equivocada para responder ao terrorismo. Não era o momento de fazer guerra mas de se ocupar da pobreza. Agora vemos todo esse ódio. Que oportunidade ele desperdiçou!” - **Mohamad Yunus**, economista - Prêmio Nobel da Paz - **El País**, 14-10-2006.

Para os países mais fracos, existem só duas formas de forças de dissuasão: as armas nucleares e o terrorismo” - **Noam Chomsky**, lingüista - **O Globo**, 15-10-2006.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Eventos

Livro *Júlio de Castilhos e sua época* é debatido pelo próprio autor

I CICLO DE ESTUDOS SOBRE A FORMAÇÃO SOCIAL SUL-RIO-GRANDENSE: CONTRIBUIÇÕES À LEITURA DE SEUS INTÉRPRETES

*A obra **Júlio de Castilhos e sua época**. Porto Alegre: Globo, 1967, escrita pelo historiador Sérgio da Costa Franco, é o centro das discussões nesta quinta-feira, 19-10-2006, no evento **I Ciclo de Estudos sobre a Formação Social Sul-Riograndense: contribuições à leitura de seus intérpretes**. Franco, que é vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), aceitou conceder a entrevista que segue, por telefone, à IHU On-Line, antecedendo alguns aspectos que tratará em sua conferência, marcada para as 19h30min, na Sala 1G119, do Instituto Humanitas Unisinos (IHU). Nas palavras do pesquisador, **Júlio de Castilhos** “deixou também uma tradição de seriedade, de honestidade, mas legou-nos, ao mesmo tempo, uma tradição de truculência e intolerância com a oposição”. Franco é bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e bacharel em Geografia e História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).*

*Considerado um clássico, **Júlio de Castilhos e sua época** relata inúmeros detalhes sobre a trajetória de **Júlio de Castilhos (1860-1903)**, político gaúcho eleito presidente do Estado do Rio Grande do Sul em 1891. Com a queda de Deodoro da Fonseca, foi deposto em 3 de novembro do mesmo ano. Pouco mais de um ano depois, **Júlio de Castilhos** disputa uma eleição, sem concorrentes, e volta a ocupar o antigo posto. Empossado em 1893, contém a **Revolução Federalista**, de tendência parlamentarista e liderada por **Gaspar Silveira Martins**. Sobre **Júlio de Castilhos**, confira a edição 14 do **Cadernos IHU Idéias**, intitulado **Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS**, de autoria de **Gunter Axt**, ano 2003.*

IHU On-Line - Como surgiu a idéia de escrever o livro Júlio de Castilhos e sua época? Quais são os principais pontos que destacaria dessa obra?

Sérgio da Costa Franco - Esse livro foi-me encomendado em 1963 por uma editora de São Paulo, chamada Edaglit, dirigida por Leôncio Barbal. Ele era escritor, filósofo e autor de um livro de filosofia marxista chamado Fundamentos do Materialismo. Ao mesmo tempo, Barbal era empresário e tinha a editora, que estava lançando uma série sobre os fundadores da República. Já havia sido publicado um livro sobre Quintino Bocaiúva¹, sobre Marechal Floriano², e a programação incluía um livro sobre Júlio de Castilhos. Então Leôncio pediu a indicação de um nome daqui do Rio Grande do Sul e um amigo disse para ele falar comigo. Digamos que tive um ato de coragem, pois eu era um quase estreado nas letras. Eu tinha alguns trabalhos publicados, mas nenhum isolado, singular, do qual eu fosse o autor exclusivo. Eu tinha feito uma palestra sobre a Revolução de 1893 na UFRGS, posteriormente publicada na série Fundamentos da Cultura Rio-Grandense. O quinto volume tem essa palestra que fiz na UFRGS em 1960. A publicação do livro saiu em 1962, daí houve uma relação entre o meu nome e o de Júlio de Castilhos, tudo em função dessa conferência que eu havia feito na UFRGS.

Comecei a trabalhar no livro **Júlio de Castilhos e sua época** por dois anos, mas em 1964 a editora se extinguiu,

¹ **Quintino Bocaiúva** (1836-1912): jornalista e político brasileiro, conhecido por sua atuação no processo de Proclamação da República. Foi o primeiro ministro das relações exteriores da República, de 1889 a 1891. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Revolução Federalista**: conflito ocorrido no sul do Brasil logo após a Proclamação da República. Isso ocorreu devido à instabilidade política gerada pelos federalistas que pretendiam “libertar o Rio Grande do Sul da tirania de Júlio Prates de Castilhos”, então presidente do Estado. (Nota da *IHU On-Line*)

por problemas políticos relacionados ao Golpe Militar³. Barbal deixou de publicar e escreveu-me dizendo que a editora não tinha mais condições de existência, e assim eu deveria procurar outra editora. Foi o que fiz. Eu já estava com o livro bem adiantado. Em 1965, mantive contato com a editora Globo e fui bem sucedido. A publicação saiu por essa editora em 1967, na coleção *Província*, que era uma boa coleção da época.

Júlio de Castilhos e sua época é uma tentativa de biografia, um ensaio biográfico que me foi pedido. Não é uma obra acadêmica, mas uma obra de divulgação. Esse era o sentido dessa coleção da editora de Barbal. A obra era para ser uma divulgação sobre os fundadores da República, tanto que foi escrita, sobretudo, com base em fontes secundárias. Eu estava no interior, era promotor de justiça em plena atividade, não foi fácil escrever exercendo simultaneamente a promotoria de justiça.

IHU On-Line - Como foi a recepção do livro? E hoje, qual é a sua importância para contar a história do nosso Estado?

Sérgio da Costa Franco - A fase do Júlio de Castilhos é uma época decisiva de história do Rio Grande do Sul. É um momento crucial, o fim do Império e o princípio da República num período de grande trepidação interna e guerra civil, decretada por Júlio de Castilhos em 1893 e que durou dois anos. O conflito estendeu-se para Santa Catarina e Paraná, e teve um caráter nacional. A

³ **Golpe Militar**: movimento deflagrado em 1º de abril de 1964. Os militares brasileiros, apoiados pela pressão internacional anticomunista liderada e financiada pelos EUA, desencadearam a *Operação Brother Sam*, que garantiu a execução do Golpe, que destituiu do poder o presidente João Goulart, o Jango. Em seu lugar, os militares assumem o poder. Sobre a ditadura de 1964 e o regime militar o IHU publicou o 4º número dos *Cadernos IHU em Formação*, intitulado *Ditadura 1964. A memória do regime militar*. Confira, também, as edições nº 96 da *IHU On-Line*, intitulada *O regime militar: a economia, a igreja, a imprensa e o imaginário*, de 12 de abril de 2004, e nº 95, de 5 de abril de 2005, *1964 - 2004: hora de passar o Brasil a limpo*. (Nota da *IHU On-Line*)

Revolução Federalista¹ se uniu com a Revolta da Armada contra Floriano Peixoto. Depois acontece a introdução da República no Rio Grande do Sul. O livro, na época em que foi escrito, representou um esforço de contar uma história imparcial. Até então, havia boas biografias, mas que eram de sentido partidário, como encomenda do Partido Republicano. Era uma laudatória a Júlio de Castilhos. Meu livro foi a primeira tentativa de uma história imparcial. Acho que excedi um pouco a empolgação e a própria literatura que até então existia sobre Júlio de Castilhos, então o livro saiu mais laudatório que deveria. Mas assim mesmo tive boa receptividade, até por parte dos velhos libertadores, dos antigos maragatos. Tive desse lado manifestações muito estimulantes. Essa foi a razão sobre relativo sucesso que o livro teve. Não desagradou nem os inimigos do Castilhos. Antero Marques, que era um escritor maragato muito apaixonado, depois que leu o livro me telefonou e disse “É... você tentou ser imparcial, mas o livro não deixa de ser um panegírico”.

IHU On-Line - Qual é a importância de Júlio de Castilhos para sua época? E qual é o maior legado que esse político gaúcho deixou?

Sérgio da Costa Franco - O legado dele foi 40 anos de autoritarismo. Ele deixou uma constituição autoritária, a de 1891, que vigorou até 1930. Deixou também uma tradição de seriedade, de honestidade, mas legou-nos, ao mesmo tempo, uma tradição de truculência e intolerância com a oposição. A oposição viveu dias muito difíceis nos 40 anos seguintes, e isso levou até a Revolução em 1923, que, aliás, amenizou um pouco o rigorismo autoritário da constituição castilhista. Houve

¹ **Revolução Federalista:** conflito ocorrido no Sul do Brasil logo após a Proclamação da República. Isto ocorreu devido à instabilidade política gerada pelos federalistas que pretendiam “libertar o Rio Grande do Sul da tirania de Júlio Prates de Castilhos”, então presidente do Estado. (Nota da *IHU On-Line*)

uma reforma constitucional. Então se proibiu a reeleição indefinida dos presidentes do Estado, proibiu-se a reeleição dos intendentes municipais, a nomeação dos vices, uma coisa muito anti-republicana, modificada em função da reforma constitucional de 1924, consequência de Revolução.

Certamente hoje eu não escreveria o mesmo livro. Ao longo do tempo, pude compreender o sentido da luta da oposição liberal, que lutou, sobretudo por respirar, não era apenas uma revolução de ressentidos pela perda do poder, era sobre a sobrevivência de alguns princípios democráticos que tinham sido inteiramente banidos pela constituição de 1891. O choque básico entre parlamentarismo e presidencialismo, porque a constituição de Castilho era hiperpresidencialista, pode-se dizer ditatorial. O Executivo se unia com o Legislativo - o Executivo legislava, ficava o Legislativo apenas à aprovação dos orçamentos, e isso foi a motivação básica da oposição para pedir a reforma da constituição. Havia coisas como a liberdade profissional que a constituição estabelecia, de que ninguém precisava de diploma acadêmico para o exercício de qualquer profissão. Isso foi um dos legados mais sérios e que gerou mais inconformidade.

IHU On-Line - Como se apresentavam esquerda e direita na época de Júlio de Castilhos? E a respeito de nossos dias, ainda é possível pensar nessa divisão ideológica no Rio Grande do Sul ou o espectro ideológico está mais matizado?

Sérgio da Costa Franco - É muito difícil definir o que é esquerda e direita. Na França, em determinado momento, o grupo mais revolucionário ocupava a esquerda do parlamento, e os conservadores, a direita. Basicamente isso se conservou. Os defensores do *stablishment* são os direitistas, e os que querem transformações radicais são chamados de esquerdistas. Isso no passado não dava para estabelecer. Aqui no Rio

Grande do Sul, os federalistas eram da direita e os republicanos da esquerda. Se, de um lado, os republicanos lutavam por certas medidas progressistas, de outro, defendiam um sistema político arcaico e ditatorial. Quem defendia os direitos democráticos e humanos era a oposição federalista. Na época era impossível falar em esquerda e direita. Esses conceitos de direita e esquerda aparecem mais depois da Guerra Fria. Hoje é difícil qualificar o que é esquerda e direita. A esquerda defende, às vezes, teses inteiramente anacrônicas, reacionárias, é um superestado que é hoje compatível com as necessidades coletivas. É muito difícil, os problemas são muitos semelhantes de um partido e de outro. Nós vimos agora o caso Lula, que sucedeu Fernando Henrique, num governo igual ao do seu precursor.

IHU On-Line - O castilhismo pode ser explicado com um positivismo moldado ao contexto gaúcho? Por quê?

Sérgio da Costa Franco - Eu diria que do positivismo os castilhistas apanharam apenas o que interessava com relação ao poder de Estado forte e de República. Os demais preceitos do positivismo não vigoraram por aqui. O positivismo continuava com a liberdade de pensamento. Os republicanos castilhistas realmente deixavam funcionar somente a imprensa oposicionista, com certa liberdade. Teoricamente havia liberdade de imprensa, e o resto era um regime que impedia totalmente a representação das minorias. Durante anos, a oposição não conseguiu eleger um parlamentar e nenhum vereador, só em 1929 é que a oposição elegeu um intendente de Caçapava e um de Dom Pedrito, lugares onde pode ter sido majoritária, mas não vencia porque o voto era a descoberto e facultativo. Então quem votava era funcionário público, que se não votasse com o governo, perdia o cargo. Era um regime de inteira exclusão da oposição.

IHU On-Line - Comparando a realidade política da época de Castilhos com a de hoje, quais seriam as principais diferenças? O que mudou? Quais são os maiores desafios a serem enfrentados em nosso estado?

Sérgio da Costa Franco - Eu acho que o quadro é completamente diferente. Não há o que falar em termos de castilhismo e federalismo, que estão fora de qualquer agenda. Não há semelhança. De vez em quando, escuto um grupo, desses escritores do PT, estabelecendo uma ligação entre o PT e o partido republicano, sobretudo em termos de lisura administrativa e honestidade. Mas pelo que se vê, foi totalmente desmoralizado. Acho que não resta nada. Ninguém a essa altura defende mais um hiperpresidencialismo, como era antigamente. Também o parlamentarismo puro, defendido pelos federalistas, está mais ou menos arquivado em função do plebiscito que houve e que rejeitou o parlamentarismo, tornando o presidencialismo muito estável. Não há nenhum dos temas de conflitos que existiam nos tempos do castilhismo.

O desafio maior no Rio Grande do Sul é arrecadar para pagar o funcionalismo. É uma porção de desafios de natureza que estão na ordem de todo o Estado, que são de âmbito nacional. Fortalecer as finanças dos estados, tornar os estados menos dependentes da União, a reivindicação federalista que nasceu com a República está de pé ainda, porque os estados foram sendo sufocados por um regime cada vez mais centralista, cada ditadura que sobrevêm centralizaram o poder, concentrando na esfera federal em prejuízo dos estados. Isso hoje é um problema de difícil solução e que implica em uma reforma política muito profunda. Mas não há consenso. Eu tenho às vezes impressão que está se fortalecendo a ideologia centralista, a tendência para um Brasil unitário. Quando eu vejo o Ministério da Educação querendo tratar de ensino fundamental, e isso sempre foi tarefa do Estado, dos municípios, entendo isso como o

cúmulo do centralismo. Fala-se cada vez mais em Polícia Federal, nas atribuições policiais sendo transferidas do Estado para a União, e intervenção do Exército na segurança pública. Isso tudo é estimulação do regime republicano federativo, com que sonharam em 1889. O federalismo corre perigo, a tendência predominante é a centralista.

IHU On-Line - Quais são as perspectivas que se delineiam com as eleições para governador este ano?

Como ficará o Rio Grande do Sul com Olívio ou com Yeda?

Sérgio da Costa Franco - É difícil, eu não tenho bola de cristal, não. A Yeda vence, deve vencer. Acho que a eleição está até fácil, mas também não posso imaginar quais serão os planos dela. Como todos, os governantes estaduais dependerão muito do governo federal.

Resiliência: um novo paradigma em saúde

ENCONTROS DE ÉTICA

Resiliência: Um novo paradigma em saúde é o tema que o Prof. Dr. argentino Elbio Néstor Suárez Ojeda apresentará no Encontros de Ética de segunda-feira, 16-10-2006. A atividade, aberta a toda a comunidade acadêmica, tem entrada franca e vai das 19h30min às 21h30min horas, na sala 1G119 do IHU. Ojeda é médico especialista em Saúde Pública, Pediatria e Saúde Materno-Infantil, além de Consultor da Organização Mundial da Saúde. Também é autor e co-autor de diversos livros e artigos, como Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas (Editora Artmed). Confira abaixo a entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

IHU On-Line - O que significa o conceito de resiliência? Em que sentido ele é um novo paradigma?

Elbio Ojeda - Resiliência se define como a capacidade humana para se sobrepôr às adversidades, construir sobre elas e se projetar no futuro. Entre os muitos exemplos de personagens resilientes, citamos Albert Camus, prêmio Nobel de Literatura que emergiu da extrema pobreza na Argélia, órfão de pai, encontrou apoio em seu professor (adulto significativo) que lhe deu esse amor incondicional que está na base de todo resiliente. É importante reconhecer a resiliência como um processo dinâmico que vai se construindo gradualmente em função de relações com outros seres humanos. A pessoa está resiliente mais do que é

resiliente. A aparição deste conceito implicou, especialmente para as ciências da saúde, um novo paradigma que enfatiza as forças e não as debilidades. Diante do modelo “enfermizador” se erige este paradigma que parte das forças e interpreta em cada adversidade um desafio ao qual há que se superar, com lucros para a personalidade. É por isso que este conceito é considerado como gerador das estratégias de promoção da saúde.

IHU On-Line - Que características podem ser observadas em uma pessoa que está enfrentando uma adversidade de maneira resiliente?

Elbio Ojeda - Tem-se descrito os chamados “pilares da

resiliência", que caracterizam as pessoas resilientes:

- Empatia: capacidade de perceber o estado emocional do interlocutor. "Colocar-se nos sapatos do outro";
- Autonomia: ser capaz de isolar-se do patológico e gerar um oásis de reflexão e paz em meio à tormenta;
- Humor: ver a comédia na própria tragédia;
- Religiosidade: fé na existência de um Ser superior e na transcendência do próprio trânsito pela vida;
- Criatividade: atitude para gerar beleza mesmo no meio do caos.

A lista é extensa, mas todos estes atributos têm como eixo a auto-estima, essa consciência do próprio valor intrínseco e permanente, que está enraizado na identidade própria de cada um. Falamos, então, de um narcisismo positivo. Há o consenso de que, na base de todo resiliente, está o amor incondicional ou a aceitação fundamental da pessoa brindado por um "adulto significativo" (mãe, pai, professor etc.). Hoje se aceita que é chave o "apego" entendido como a relação emocional especial que se estabelece entre a criança e sua mãe durante o período fetal intra-uterino e as primeiras horas da vida. Um apego seguro parece garantir essa estabilidade emocional que se observa nos resilientes.

IHU On-Line - De que forma pode ser estimulada a resiliência nas pessoas que sofrem? E como isso pode acontecer através das instituições e na comunidade?

Elbio Ojeda - Estamos convencidos de que a resiliência pode ser construída, edificada, como se expressa na

concepção de Vanistendael: "a casinha da resiliência".

Para estimulá-la é importante esse rol de apoio de outro ser humano significativo (tutor de resiliência) que pode ser um familiar, um amigo, um sacerdote, um professor. As instituições deveriam criar um clima apropriado favorecendo a comunicação, o humor, as lideranças autênticas, a participação de todos os membros, a capacitação permanente, a tolerância racional do erro e a correção não punitiva. As comunidades, no sentido amplo, têm mostrado fortalecer sua resiliência grupal mediante a promoção da auto-estima coletiva, identidade grupal, sentido de pertencimento, solidariedade social, entre outras.

IHU On-Line - Que tipo de projetos comunitários existem hoje no mundo que trabalham com esta perspectiva?

Elbio Ojeda - Os projetos em desenvolvimento são numerosos e abarcam os cinco continentes. Entre eles destaco o Projeto Yachay, em Jujuy, Argentina, que trabalha com crianças pobres de origem indígena, nas comunidades da Quebrada de Humahuaca. Também os do Peru são conhecidos e têm recebido avaliações positivas. No Chile, vários projetos têm sido conduzidos pelo CEANIM (Centro de Atenção da Criança e da Mãe) e têm gerado importante produção intelectual. Na Argentina, o CIER (Centro de Investigação e Estudo da Resiliência) o qual eu dirijo, tem propiciado oito projetos em distintas comunidades e com base nessas experiências publicou seis livros de ampla difusão.

Transplante de órgãos: um novo caminho para o debate bioético sobre o conceito de pessoa

ENCONTROS DE ÉTICA

Transplante de Órgãos: um novo caminho para o debate bioético sobre o conceito de pessoa é o tema que a Prof^a. MS Karen Bergesch ministrará nos Encontros de Ética de segunda-feira, 23 de outubro. A atividade, aberta a toda a comunidade acadêmica, tem entrada franca e vai das 17h30min às 19 horas, na sala 1G119 do IHU. Karen Bergesch é integrante do Aconselhamento Pastoral da Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo. Confira abaixo a entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

IHU On-Line - Qual o conceito de pessoa que emerge da compreensão transdisciplinar da bioética? Como o tema do transplante de órgãos pode ajudar a elucidar essa questão?

Karen Bergesch - O conceito de pessoa é um tema central para a bioética. Isso ocorre porque todo o desenvolvimento da tecnologia médica visa, em última análise, à melhora da qualidade de vida da pessoa. A questão toda, então, passa a ser como se relacionar com os avanços da tecnologia médica. Ou seja, até que ponto devemos utilizar os recursos disponíveis quando eles podem significar um prolongamento da vida que cause mais desconforto e sofrimento que seu objetivo inicial de melhorar a qualidade de vida. Devido a esse impasse, o debate sobre o conceito de pessoa passa a ocupar um lugar central.

A pesquisa com embriões

Geralmente o tema do conceito de pessoa é enfocado devido às pesquisas com embriões. Neste debate, a grande discussão gira em torno do momento em que é possível identificar o início da vida humana, pois se compreende que seria possível desenvolver pesquisas com embriões quando estes ainda não forem

considerados pessoas. Neste caso, a discussão volta-se para a questão do início da vida humana e não mais para o conceito de pessoa. Por essa razão, decidi estudar o conceito de pessoa com um tema em que o ser humano é independente e autônomo o suficiente para poder se manifestar sobre as possibilidades de tratamento. Desse modo, o transplante de órgãos traz grandes contribuições para o debate sobre o conceito de pessoa, pois o acompanhamento do tratamento relacionado à transplantação permite conhecer a pessoa envolta em questões da tecnologia médica. Esse fato permite conhecer seus medos, desejos, anseios em relação a si e seus familiares.

IHU On-Line - O que é mais freqüente no comportamento das pessoas envolvidas no transplante e de suas famílias? O que ocorre, em geral, depois do conhecimento de seus medos? Quais os cuidados necessários nesse momento?

Karen Bergesch - O transplante de órgãos exige um envolvimento familiar muito grande. É necessário que a família desenvolva uma estrutura de suporte para os cuidados de higiene, alimentação, medicamentos etc. Essa dependência requer uma reestruturação familiar quanto à economia, à divisão de tarefas e até

mesmo planos conjuntos e individuais para a vida. Diante desta situação, surgem muitas perguntas por parte da pessoa que necessita de um órgão, relacionadas à vida e à morte, aos sentimentos familiares, aos papéis familiares (responsabilidades) e aos afetos íntimos. Por exemplo, uma pessoa adulta que necessita de um transplante e vive em situação marital, pergunta-se freqüentemente sobre sua sexualidade em relação ao prazer e à reprodução. O conhecimento dos medos próprios de cada fase da transplantação bem como da situação de vida de cada pessoa que necessita de um órgão oportuniza um diálogo sobre os medos e sua possível superação. Digo possível, porque é diante de uma situação como a da transplantação que as relações familiares vão se definir.

IHU On-Line - Quais as cinco correntes filosóficas que a senhora usou para o debate atual sobre o conceito de pessoa? Há lugar para os valores do cristianismo nessa discussão?

Karen Bergesch - A bioética, hoje, ainda não apresenta uma única sistematização devido ao seu recente surgimento (cerca de 30 anos). Por isso, é possível abordar temas bioéticos através de diversas correntes. Eu escolhi cinco correntes consideradas de maior representatividade no momento para a bioética que são o aristotelismo, o kantismo, o principialismo, o utilitarismo e o contratualismo. A corrente do aristotelismo aborda o tema das virtudes na ética prática. Essas virtudes são chamadas por Aristóteles¹ de

¹ **Aristóteles de Estagira** (384 a. C. - 322 a. C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

phronesis e buscam unir o aspecto emocional ao racional no momento de tomar decisões práticas. O kantismo compreende a pessoa como um ser racional capaz de agir moralmente. As palavras liberdade e autonomia, importantes para Kant², são fundamentais para a reflexão bioética. O principialismo, rótulo atribuído à moralidade comum, é a escola bioética mais conhecida, pois tem sido elaborada há cerca de 20 anos. Essa escola apresenta princípios (autonomia, justiça, beneficência e não-maleficência) para debater e resolver questões bioéticas. O utilitarismo, em meu trabalho, é representado por Peter Singer³. A reflexão de Singer coloca-se como um contraponto, pois o filósofo apresenta uma diferenciação entre os conceitos de ser humano e pessoa. Segundo sua definição, é ser humano quem pertence à espécie *homo sapiens*, o que pode ser constatado através de exames, e é pessoa quem possui capacidade racional e noção de tempo passado, presente e futuro. Portanto, é uma proposta que trabalha com a

² **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22 de março de 2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os **Cadernos IHU em formação** estão disponíveis para download na página www.unisinos.br/ihu do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Peter Singer**: filósofo australiano. Concedeu entrevista na edição 191 da *IHU On-Line*: *Por uma ética do alimento. Sobriedade e Compaixão*. Seu último livro foi *The way we eat. Why our food choices matter?* New York: Rodale, 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

noção de exclusão e não de inclusão como as outras aqui citadas. Por último, a corrente do contratualismo, que se baseia no contrato social. Segundo essa teoria, as pessoas vivem em relações sociais em um determinado meio ambiente. Por isso, elas devem pensar nas relações com o meio ambiente e com a sociedade (não só presente, mas também futura). Desta forma, o contratualismo apresenta uma noção da pessoa como ser social e não apenas como indivíduo, ênfase das outras correntes.

Os valores do cristianismo podem ser identificados pela palavra dignidade. Dignidade é um termo difícil de definir, mas que permanece no debate de escolas identificadas fortemente com o cristianismo, bem como com documentos que defendem a vida humana. Assim, o presente momento da bioética não permite ainda uma síntese sobre o conceito de pessoa. Por isso, é apropriado falar em *conceitos* de pessoa no plural e não *conceito* no singular.

IHU On-Line - O que fazer para que a dignidade humana seja respeitada no caso do transplante de órgãos?

Karen Bergesch - A forma que a transplantação está organizada mundialmente por meio de listas de espera e centrais de captação de órgãos, por exemplo, demonstra um grande respeito pela vida humana e sua dignidade, pois reúne qualidade de tratamento e distribuição de recursos para todas as pessoas que necessitam deste tipo de tratamento. Apesar desta ampla organização, é necessário que a população seja esclarecida sobre os transplantes e a doação de órgãos. Por exemplo, que órgãos podem ser doados, para quem vão os órgãos, o que significa viver com um novo órgão em termos de cuidados e mudanças de vida, quem pode ser doador, o que significa o critério de morte encefálica etc. O conhecimento e o debate sobre o tema da transplantação podem ampliar a solidariedade para a doação de órgãos.

IHU On-Line - No Brasil, há milhares de pessoas na fila de espera por um transplante. É falta de solidariedade ou falta de capacidade para realizar as cirurgias? Qual a porcentagem de óbitos dos pacientes que aguardam por um órgão?

Karen Bergesch - O Brasil possui uma excelente organização em torno da transplantação que inclui a formação de profissionais para trabalharem tanto na retirada de órgãos quanto em sua implantação. Portanto, não é um problema de estrutura. A espera por um órgão em lista de espera não é característica apenas do Brasil. Isso ocorre em todos os países que realizam cirurgia de transplantação. O tempo em lista de espera é relativo e depende de inúmeros fatores, como tipo sanguíneo e tamanho entre doador e receptor. Isso faz uma pessoa poder receber um órgão quando inscrita apenas há um mês na lista de espera, como demorar o tempo médio para cada órgão (pulmão, por exemplo, são cerca de seis meses de espera) ou mesmo nunca ser transplantada. A porcentagem de óbitos em lista de espera varia de acordo com cada órgão, sendo difícil apresentar uma porcentagem.

IHU On-Line - O sistema de doação e transplante de órgãos no Brasil funciona? Esse sistema é eficiente para impedir que ocorra tráfico de órgãos?

Karen Bergesch - O Sistema Nacional de Transplantes (SNT) funciona muito bem e possui uma política de transparência. Qualquer informação sobre captação e distribuição de órgãos, organização das centrais de atendimento, hospitais cadastrados, campanhas publicitárias com incentivo à doação, dados estatísticos e demais informações podem ser encontradas na página www.saude.gov.br/transplantes. A Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos (ABNT) coloca o Brasil como segundo maior país em transplantes de órgãos e tecidos do mundo, ficando atrás somente dos Estados Unidos.

Isso é uma grande vitória para o Brasil devido a suas grandes diferenças sociais e econômicas.

A doação de órgãos é gratuita, pois se compreende que o corpo humano não é apenas um instrumento da pessoa, mas é sua própria existência. Apesar disso, o problema do tráfico de órgãos existe. A compra de órgãos humanos para o transplante ocorre principalmente em países em desenvolvimento, sendo difícil obter dados precisos a respeito. Os países que registram os maiores números de doação de rim de doador vivo são a Índia, o Egito e o Iraque, sendo que o registro de doador cadáver é raro.

IHU On-Line - A oportunidade é de fato igual para ricos e pobres?

Karen Bergesch - No Brasil, toda pessoa que necessita de um órgão possui oportunidade igual de tratamento, devendo, é claro, respeitar a inscrição na lista de espera

e os demais cuidados médicos. Aí entramos em um aspecto que até agora não tínhamos abordado, as condições psicossociais do paciente. Toda pessoa que mora em local que não possui sistema de saneamento básico corre um risco maior de infecção pós-operatória. Por isso, é recomendado que a pessoa mude para um local que ofereça estrutura de saneamento básico. Outro aspecto importante de cunho psicológico é o que os médicos costumam dizer “aderir ao tratamento”. Se a pessoa não aderir ao tratamento, isto é, tomar a medicação corretamente, ir às consultas regulares e seguir as recomendações médicas, a pessoa não pode receber um órgão, pois, para cuidar do órgão transplantado é necessário muita disciplina. Desta forma, para receber um órgão são avaliados tanto os critérios técnicos da saúde do paciente quanto os critérios psicossociais.

Triste fim de Policarpo Quaresma

V CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL: INTÉRPRETES DO BRASIL - ESTADO E SOCIEDADE

No próximo V Ciclo de Estudos sobre o Brasil: Intérpretes do Brasil - Estado e Sociedade, a história do País continua sendo debatida. Desta vez, vamos entender as interpretações do escritor Lima Barreto. Seu livro Triste fim de Policarpo Quaresma servirá de pano de fundo. O debate será mediado pela professora da Unisinos, Simone Assumpção, que leciona no curso Licenciatura Letras-Português.

O evento acontecerá no dia 17 de outubro, na Sala 1G119.

Aplicações recentes da nanotecnologia e da nanociência

QUARTA COM CULTURA

Para complementar o tema pós-humano, no dia 18 de outubro ocorrerá a palestra Aplicações recentes da nanotecnologia e da nanociência. O professor do curso de Engenharia da Computação da Unisinos, Wictor Carlos Magno, proferirá a palestra na Livraria Cultura do Bourbon Country.

Joana D'Arc

IDADE MÉDIA E CINEMA

O filme Joana D'Arc (1928), de Carl Dreyer será debatido pela professora Cybele Crossetti de Almeida, do Departamento de História da UFRGS, no evento Idade Média e Cinema II. Com bacharelado e licenciatura em História pela UFRGS, Cybele Almeida é mestre em Educação pela mesma universidade e doutora em História pela Universität Bielefeld, da Alemanha, tendo sua tese o título Relações de poder em Colônia na idade média tardia. Cybele concedeu entrevista à edição 155 e 193 da IHU On-Line, reproduzidas também na última edição, n° 14, dos Cadernos IHU em Formação, com o tema Idade Média e Cinema.

Sala de Leitura

Nasci em uma família italiana de longa tradição católica e foi com muita curiosidade que recebi de meu primo Michele Sellitto, que mora na Itália, o livro *Ipotesi su Gesù*, de Vittorio Messori (Torino: Società Editrice Internazionale, 1983). Messori é um jornalista católico, de reconhecida trajetória ligada ao catolicismo. A obra apresenta uma interessantíssima descrição da situação político-religiosa na bacia mediterrânea oriental, sob o império romano, no período que antecede e circunscrita o surgimento do cristianismo. Também relata fatos de crônica da época, citados, entre outros, por Flavius Josefus, relacionando-os com citações bíblicas. Descreve os fragmentos de Qumram, herança documentada dos estudos dos essênios sobre os sinais dos tempos, baseados na tradição hebraica das setenta semanas de Daniel, que antecipariam a messiânica chegada. Também apresenta recentes descobertas arqueológicas que evidenciam fatos bíblicos, tais como a escavação da piscina Betesda de cinco arcos e do pátio lajeado. Descreve o primeiro século em Israel, incluindo outros movimentos messiânicos, até a destruição do templo de Jerusalém e a diáspora, ao redor de 70 DC. A contextualização serve ao autor para que chegue ao seu objetivo, uma análise, na qual classifica as hipóteses já lançadas sobre Jesus em três categorias escolares: crítica; mítica; e de fé. A escola crítica, ou historicista, diz que o Jesus histórico é um homem que foi, progressivamente, divinizado. Em resumo, uma obra fascinante que retoma um debate que não se esgota nunca: as hipóteses sobre Jesus. Não creio que haja uma edição em português, mas aqueles que tiverem acesso à obra, acessarão uma fonte de inspiração de profícuas e proveitosas reflexões sobre um tema atual.

Miguel Sellitto, Prof. Dr. na Unidade Acadêmica de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos

Estou lendo *Argumentação Jurídica e Teoria do Direito*, de Neil MacCormick, Professor Catedrático de Direito Público na Universidade de Edimburgo, Escócia, publicado pela Martins Fontes (São Paulo), em 2006, tradução de Waldéa Barcellos. A obra trata da construção de uma teoria da argumentação jurídica e do direito escrita já há quase 30 anos, somente agora traduzida para o português. Analisa casos julgados pelos tribunais do Reino Unido e, a partir daí, extrai um conceito de argumentação e elementos para uma teoria geral do direito. Isto é, a obra parte dos casos já julgados, sugerindo que o raciocínio dedutivo seja essencial para a argumentação jurídica. Após analisar várias formas de

argumentos, da interpretação e aplicação do Direito, a obra analisa as relações da lei com a moralidade e "os limites da razão prática". Trata-se de uma obra muito instigante, que traz uma abordagem extremamente útil tanto ao prático quanto ao teórico do Direito.

Gabriela Mezzanotti, Prof^a. da Unidade Acadêmica de Ciências Jurídicas da Unisinos

O vendedor de passados, de José Eduardo Agualusa (Gryphus:2004). O livro é surpreendente, pois alia uma linguagem fluente a uma perspectiva fantástica muito bem elaborada. O narrador do livro é uma lagartixa (ou osga, para os angolanos), que habita a casa de um albino chamado Félix, que tem por profissão construir passados convincentes para a burguesia ascendente, oriunda das mais variadas camadas sociais. O rumo da história é modificado com a chegada de um estrangeiro que solicita a Félix, não apenas um passado, mas também um nome (ou seja, um presente). A partir de então, tudo se modifica. O livro, apesar de sua aparência fantasiosa, constrói um relato bem acabado das questões históricas referentes ao povo angolano, desde sua emancipação de Portugal, na década de 70 do século XX.

Márcia Lopes Duarte, Prof^a. Dr^a. da Unidade Acadêmica de Ciências da Comunicação da Unisinos

IHU Repórter

SONIA MONTAÑO

No contexto dos cinco anos do IHU e na edição número 200 da revista IHU On-Line entrevistamos uma das jornalistas que, junto com a equipe, ajudou a construir e consolidar a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos. Sonia Montañó é uruguaia, está no Brasil há 14 anos e no IHU desde seus inícios, em setembro de 2001. Na entrevista a seguir, a jornalista compartilha algumas das experiências mais marcantes de sua vida, suas grandes paixões e os desafios que a profissão apresenta particularmente no tipo de jornalismo que a IHU On-Line procura realizar.

Origens - Nasci na Cidade de Pando, no Uruguai, uma cidade que fica bem próxima de Montevidéu. Sou a terceira de quatro irmãos. Meus pais, Domingo e Nilda, casaram e resolveram ter um filho a cada ano. Assim, nasceram três rapazes e uma menina. As principais lembranças da infância estão relacionadas ao jogo livre na rua, na quadra, competições de bicicleta, subir nas árvores e tantas outras brincadeiras que eram possíveis numa cidade de interior, com muitas crianças na redondeza.

Família - Meu pai era cobrador de ônibus e minha mãe trabalhava em uma empresa de telefonia. Hoje estão aposentados. Os dois se esforçavam muito para nos dar uma boa educação no colégio dos irmãos maristas da cidade. Foi uma infância feliz, intensa, e com experiências fortes. A primeira foi a morte acidental de meu irmão mais novo, meu companheiro de brincadeiras. Ele tinha 5 anos e eu 6. Uma experiência difícil de relatar e de perceber suas reais repercussões na família toda. Uma segunda experiência forte foi a prisão política de meu pai, durante a época da ditadura

militar, por ser militante sindical. Detiveram-no para interrogá-lo com tortura. Depois, era perigoso permanecer no Uruguai e a família foi para Buenos Aires. Meus pais venderam tudo o que tinham, arranjaram um empréstimo e lá fomos nós para ver no que dava. Ficamos quatro anos e depois voltamos. Foi uma boa experiência, aliás minha vida está muito marcada por mudanças, desenraizamentos e novos enraizamentos.

Formação - Quando voltei à minha cidade natal, iniciei o ensino médio, mas terminei-o em Montevideu. Meu irmão mais velho começava a estudar na universidade e toda a família se mudou para a capital. Aos 14 anos, comecei minha militância política, seguindo um pouco os passos de meu pai e meu irmão mais velho. O Uruguai estava saindo da ditadura e eu militei no *Frente Amplio* nas primeiras eleições democráticas. Era tudo uma aventura e um grande aprendizado. Ainda não tinha idade para votar, mas sim para discutir, organizar passeatas, argumentar. Quando terminei o segundo grau comecei a estudar na Faculdade de Medicina, no curso de Reeducação Psicomotriz. Nessa época tive uma forte aproximação ao cristianismo como experiência de vida e acabei dando uma virada e estudando Teologia no Instituto Teológico del Uruguay.

Influências - De meu pai, tentei me deixar contagiar pelo seu senso de justiça social e seu grande senso de humor. De minha mãe, uma forte sensibilidade humana, o resto é tudo defeito meu mesmo (risos). Ao longo da vida, conheci muitas pessoas interessantes que também ajudaram a construir-me como pessoa, construção, é claro, completamente inacabada. Aqui na Universidade, duas pessoas foram muito importantes para me abrir novos horizontes intelectuais e humanos.

Brasil - Cheguei ao Brasil em 1993. Eu faço parte de uma Comunidade nova da Igreja Católica, que nasceu no Uruguai e se espalhou por alguns países. Ao Brasil chegamos por convite de um jesuíta que trabalhava na Unisinos. Cheguei a São Leopoldo com 24 anos, com mais três companheiras, mais ou menos da mesma idade. Fizemos de tudo um pouco desde aquela época, principalmente trabalhos com universitários. O bom de sermos uma comunidade nova é que ainda está tudo sendo experimentado e construído por nós mesmas. A diversidade brasileira, seja sua biodiversidade, sua diversidade humana, religiosa, e de tantas outras formas é um espaço de muito arejamento no qual podemos aprender a conviver pacificamente com a diferença, considerá-la desejável, sem medo do dissenso. Adoro morar no Brasil, inclusive já encaminhei minha naturalização.

Autor - Gosto bastante da literatura latino-americana (Borges, Cortázar, Onetti, García Márquez e outros). Descobri alguns autores bem interessantes nos últimos anos, como Simone Weil, Susan Sontag e Henri Bergson. Resulta-me instigante o filósofo tcheco Vilém Flusser e já me emocionei lendo Jürgen Moltmann. Zygmunt Bauman tem me ajudado a entender melhor a contemporaneidade. Nas férias, posso passar horas lendo Edgar Allan Poe e Conan Doyle, aliás, quando era criança queria ser assistente de Sherlock Holmes.

Livro - Difícil destacar alguns livros, mas poderia indicar *Contra la interpretación*, de Susan Sontag.

Filme - Todos os filmes de Pedro Almodóvar, especialmente *Fale com Ela*. Meus filmes de férias preferidos são todos os de Alfred Hitchcock. Seus filmes têm um forte e sensível espírito lúdico.

Jornalismo - Uma paixão exercida bem antes de ter o diploma. Paixão que fui descobrindo na medida em que a exercia e a estudava. Comecei a trabalhar apresentando um programa de rádio, quando tinha 20 anos, em Montevideu, na Radio Universal AM. Era um programa de uma Associação de Arte. Desde então, sempre estive ligada à comunicação, especialmente rádio e jornal. Mais tarde, já no Brasil, cursei Jornalismo na Unisinos e onde agora faço mestrado em Comunicação.

Pesquisa - Nos últimos anos, aproximei-me bastante da pesquisa em televisão, especialmente no mestrado em Comunicação que iniciei no ano passado. Faço parte também do Grupo de Pesquisa em Audiovisualidades, do PPG em Comunicação da Unisinos, que é uma experiência bastante interessante. Talvez o que mais desperta minha curiosidade é descobrir como nos transformam os novos dispositivos técnicos que Walter Benjamin chamava de “nossa segunda natureza” e McLuhan e Teilhard de Chardin de tecnologia criadora de um sistema nervoso para a humanidade. O próprio McLuhan denunciava que nunca tivemos um sistema educacional programado para treinar a percepção do mundo exterior. A pesquisa sobre TV e outros dispositivos da atualidade conseguem treinar essa percepção e levam a compreender melhor nosso tempo.

Eleições - Acho que o sistema político partidário ficou obsoleto. Teriam que surgir novas formas de democracia mais direta, que respondam melhor aos reais desafios da atualidade. Mas, em todo caso, as eleições estão aí e, embora não vote no Brasil, por ser estrangeira, penso no mal menor. Prefiro, então, Lula a Alckmin e Olívio a Yeda.

Uma grande paixão - Viver intensamente tudo o que faço. Criar laços profundos com as pessoas. Descobrir novos caminhos, seja para viver o cristianismo, para exercer o jornalismo, para aprender a crescer com a pesquisa... Também fazem parte de minhas paixões minha família, especialmente minha sobrinha, Fiorella, de 3 anos e meu sobrinho, Leandro, de 3 meses, muitos amigos no Uruguai e aqui, tantos companheiros e companheiras de caminhada.

Presente - Um bom diálogo. Pode ser profundo, superficial, com muitas ou poucas palavras, curto, longo, pacífico, tenso, mas... um bom diálogo! Aquele que me deixa mais humana, mais curiosa, mais viva...

IHU On-Line - Um jornalismo diferenciado, um desafio impossível do qual tentamos dar conta, um trabalho de grupo que, além de profissionalismo, absorveu um algo a mais de cada um dos que estamos envolvidos, o melhor de nós mesmos talvez... A revista nos custou ao longo destes cinco anos suor e lágrimas, mas vê-la nascer a cada segunda-feira provocou sempre uma espécie de silêncio coletivo, em que pode ser que todos pensássemos a mesma coisa: ela nasceu, está aí e até que não saiu nada mal... As repercussões dentro e fora da Unisinos têm sido muitas. É claro que também tivemos frustrações, edições nas quais ficamos aquém dos objetivos de levantar um debate instigante na Universidade e fora dela sobre as questões mais candentes da sociedade. Eu aprendi muito fazendo a revista, tive a oportunidade de entrevistar pessoas interessantíssimas de diversos lugares do mundo e entrar, embora rápida e superficialmente, nos temas mais diversos que estão em jogo no cenário atual. A equipe, embora pequena, é excelente, muito interessante de conviver, de discutir e de construir em conjunto. Fui muito feliz trabalhando na revista, embora esteja saindo e seja uma etapa

encerrada, para me abrir a outras possibilidades, pretendo continuar como colaboradora nesse grande projeto.

Unisinos - Estou na Unisinos desde que cheguei ao Brasil, em 1993. No início, trabalhava no setor de comunicação da Pastoral da Universidade. Houve muitas mudanças nesses 14 anos. Entrei na Unisinos em tempos de prosperidade, vi a Universidade da crise e das demissões. Aparentemente agora estamos em uma Unisinos de transição para tempos melhores. Parece que o sol está saindo em alguns sentidos, particularmente no que diz respeito à missão da Universidade na sociedade, e isso me entusiasma bastante.

IHU - O Instituto Humanitas Unisinos inova de uma forma muito própria. Ele avança e vai atrás de objetivos que são impossíveis, primeiro torna-os realidade e depois evidencia que eles não eram tão impossíveis assim. Foi o que aconteceu com a revista, que começou como um pequeno boletim interno, foi assim com o sítio do IHU, que hoje tem forma e conteúdos muito diferenciados. Foi assim com eventos, alguns de porte internacional que debatem temas que atravessam as mais diversas áreas de conhecimento. A tentativa de compreender a crise civilizacional pela qual estamos passando e a pergunta sobre as razões que nos fazem viver em comum, em tempos que declaram a autonomia do sujeito como valor absoluto, está no fundo, na minha compreensão, de todas as ações do IHU, seja uma palestra sobre física quântica, uma edição da revista sobre a política econômica do País, um debate sobre nanotecnologias, uma publicação sobre Teologia Pública e tantos outros. É um espaço onde se diluem os preconceitos, sejam raciais, sexuais, religiosos, culturais ou políticos. Um espaço onde vemos em diálogo áreas de conhecimento que em outros espaços tendem a isolar-se ou excluir-se mutuamente.